



34  
POR



COMt ramAo

## A alternativa é ousar

Situando-se como oponentes de um sistema cultural que visa atingir a um grande contingente de pessoas e que raramente busca inovações, as ações alternativas vêm oferecendo fôlego para aqueles que, por opção, encontram-se permanentemente excluídos de projetos convencionais. Entendemos como alternativa aquela proposta que evita atender aos apelos viciados do mercado ou a um gosto único, partindo em busca de experiências que acrescentem vigor e questionamento nos mais diversos campos de atuação.

Admitimos que, geralmente, os movimentos alternativos, iniciativas que não estão estruturadas com a finalidade de lucrar, bem como os projetos que não visam produzir aquilo que a maioria aprecia, acabam sendo incorporados pelo mercado e inserem-se naquilo que conhecemos como establishment. Foi assim com os hippies, a arte indígena, as bandas grunges de Seattle, os rappers. Essa é a evolução natural das coisas no capitalismo, tudo é passível de ser vendido e consumido em larga escala, tudo encontra o seu nicho de consumo. No entanto, tal constatação de forma alguma desmerece as ações que buscam o novo, nem denigre o espírito inquieto daqueles que aprenderam a ousar. A sinceridade que originou fatos e iniciativas incomuns tem todo o nosso respeito e admiração.

Nas mais diversas localidades, metrópoles, cidades medianas, vilarejos, em qualquer canto do mundo, podemos encontrar projetos significativos, alguns bem-sucedidos, outros que morreram sem nem bem serem notados, mas todos imbuídos do mesmo espírito transgressor. Pessoas que fazem a música que gostam de ouvir, leitores que editam os livros que gostariam de ler, grupos descontentes com determinado estilo de vida e que passarão a viver da maneira que mais lhe dá prazer, conforme a sua própria vontade. Envolvidas em tais empreendimentos, independente de posições políticas, de crenças religiosas, essas pessoas tentam lidar honestamente com a liberdade comportamental que a época atual oferece e que poucos percebem.

A presente edição do jornal 3x4 volta sua atenção e o empenho de todos os seus participantes para trazer à tona concepções destoantes de expressão, que divergem da grande maioria acomodada e igual; diferentes percepções de fazer arte e de levar a vida. Entendemos que essa é uma das únicas saídas para a futilidade e superficialidade do mundo em que vivemos, essa é a maneira de agarrar os meios que estão à nossa disposição para, sem explicar nada e sem dar nenhuma satisfação, fazer o que gostamos e o que algumas poucas e singulares pessoas também anseiam.

Nós, estudantes de jornalismo, mas, acima de tudo, admiradores daqueles que ousam e que não são capachos da ignorância e comodidade, sabemos que não é preciso ser o melhor, é preciso ser sincero e leal para com aquilo em que se acredita; faz-se necessário ter a consciência de que não se deve esperar e morrer na vala comum da mediocridade. É preciso tentar.

## Para ser lido da primeira à última linha

Wladimir Ungaretti

Este jornal 3x4 é único. Reflete o grau de relação que cada um tem, nesse exato momento, com a faculdade, com o curso de jornalismo e até mesmo com a vida. Tem o "rosto" desta turma.

A escolha do tema, desde o início, apresentava uma dificuldade, ou seja, precisar o que efetivamente significaria, nos tempos atuais, a expressão alternativo. Esta "dificuldade", não superada, está refletida no resultado final. O jornal, que bom que tenha ficado assim, deixa em aberto a questão. As matérias, tendo por fio condutor esta "imprecisa idéia de alternativo", nos apresenta inúmeras temáticas. É um exemplar de 3x4 para ser lido da primeira à última linha.

Tenho destacado, na abertura de cada semestre, com as turmas que realizam o jornal, o fato de ser esta uma oportunidade única de produzirmos uma publicação com sentido experimental. Para que isto ocorra, tem sido necessário um determinado tipo de convívio em sala de aula: absoluta transparência, clima de liberdade efetiva e construção de um mínimo de espírito coletivo.

Como decorrência, pelo menos depois que assumi a coordenação desta disciplina, cada turma pode dizer que, efetivamente, o resultado final reflete o estágio de "saber jornalístico", somatório da participação de cada um. Tenho certeza de que no futuro, quando algum integrante do grupo localizar (perdido) entre suas coisas um exemplar deste 3x4, terá um importante ponto de referência de sua trajetória profissional.

Espero que a minha não interferência professoral, (insisto em trabalhar com esta postura), venha a ser lembrada como um importante momento de aprendizado, de fraternidade e de um convívio intenso de paixão pela profissão escolhida. Mesmo levando em conta as dificuldades do semestre, o esfacelamento das faculdades de comunicação, o cansaço de final de curso, a ansiedade provocada pela falta de emprego.

Assim como, em alguns outros momentos, realizei atividades que homenageavam Marcos Faerman, o Marcão, esta edição do 3x4, da minha parte, é uma homenagem ao jornalista gaúcho Luiz Carlos Maciel. Pois só o fato de a turma tê-lo conhecido e entrevistado é motivo de alegria.

34  
POR  
coMtramAo

2003/2

3x4contramao@bol.com.br

fabico3x4@yahoo.com.br

### Redação:

Alessandro Minuscoli, Aline Buaes, Bruno Galera, Clarisse Freitas, Ederson Nunes, Jeane da Luz, Lilian Laranja, Lúcia Jardim, Márcio Birlato, Maria Karina Ferraretto, Marta Zanetti, Simone Marques, Tahiane Stochero, Ticiane Giehl, Vanessa Siviero

### Conselho Editorial:

Jeane da Luz, Lilian Laranja, Maria Karina Ferraretto, Vanessa Siviero

### Projeto Gráfico e Diagramação:

Ederson Nunes

### Edição:

Lilian Laranja, Ederson Nunes

### Revisão:

Lúcia Jardim

### Edição Fotográfica:

Ederson Nunes

### Editorial:

Douglas Ceconello

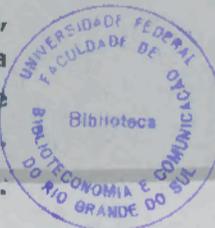
### Orientação:

Wladimir Ungaretti

### Impressão:

Gráfica da UFRGS

O jornal 3x4 é uma publicação experimental da disciplina de Redação Jornalística IV do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da UFRGS



# Todos IGUAIS.

# E tão Diferentes.

Há um dilema fundamental nas relações entre os homens: a todo o momento se evidencia o confronto entre a unidade humana, o fato de todos pertencerem à mesma espécie e a diversidade dos povos e das culturas. Para o filósofo e lingüista búlgaro Tzvetan Todorov, inclui-se nessa dualidade o abismo entre "nós" (meu grupo cultural e social) e os "outros" (os que não pertencem a ele).

Intensa e audaciosa, a obra de Todorov é um libelo a favor da tolerância e um petardo no etnocentrismo, especialmente o intelectual. Ao lermos seus escritos podemos refletir sobre as razões que fazem alguns preferirem rock e outros pagode. E permite que se compreenda os motivos de o genocídio ter se transformado em uma marca profunda da experiência humana na Terra. A alteridade cultural, constata-se, está presente no grandioso e no efêmero.

A discussão de Todorov sobre a diversidade é realizada em dois livros: *A Conquista da América - A questão do outro* e em *Nós e os Outros - A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. O interesse do filósofo pelo tema decorreu de dois choques pessoais diante das ações de outros homens. O primeiro, na adolescência, quando notou o desaparecimento silencioso de amigos de seus pais, cujas existências eram esquecidas. Além disso, a verdade sobre a realidade do país não podia ser dita. A Bulgária dos anos 40 vivia os reflexos do stalinismo e pessoas muito próximas, queridas, praticavam pusilanimidades. Mais tarde, adulto, na França, descobriu a existência de um abismo entre como uma pessoa pensa e como ela age. Seus amigos recentes, intelectuais comunistas, defendiam a destruição de um mundo no qual eram privilegiados e de coisas das quais desfrutavam ardorosamente.

No primeiro caso, Todorov conheceu o "outro" - todos os que contrariavam o regime e desapareciam - e confrontou-se com o mal. Até então, acreditava na bondade como valor supremo e intrínseco ao ser humano. No segundo exemplo, houve um embate com suas convicções: para o jovem es-

**Tzvetan Todorov - Vive na França desde 1963. É crítico literário, filósofo e lingüista, diretor de pesquisa do Centro Nacional de**

**Pesquisas Científicas (Cnrs) da França e autor, entre outros, de *A Moral da História*, *O Homem Desenraizado* e *Em face do Extremo*.**

Obras de Todorov discutem o contraste entre a unidade e a diversidade humanas

por  
**Alessandro Minuscoli**

tudante, idéias, discurso e prática deveriam corresponder a uma lógica linear. Nem todos pensavam assim. Nascia, na cabeça do intelectual, o mundo das diferenças entre os homens.

O amadurecimento disso tudo fez surgir *A Conquista da América*. O livro pode ser lido como uma história não-convencional da chegada espanhola ao novo continente. Na verdade, é muito mais do que isso. Trata-se de uma discussão atenta e generosa sobre "a descoberta que o eu

Como castigo, foi jogada aos cães. A tragédia dessa mulher é a inspiração para a tentativa de Todorov de compreender o que é para o homem a descoberta do outro. E mostra-nos como a diversidade vocar atos sig-livro é dedicada a uma

A  
CONQUISTA  
DA AMÉRICA



TZVETAN TODOROV  
*Nós e os Outros*  
A REFLEXÃO FRANCESA SOBRE  
A DIVERSIDADE HUMANA



pode pro-extremos. De nificativa, o cado a uma que foi devo-rada por cães.

Mais tarde, *A Conquista da América* deu origem ao livro *Nós e os Outros - A reflexão francesa sobre a diversidade humana*, em que Todorov discute a relação entre a unidade humana e a diversidade cultural na obra dos maiores pensadores franceses. Para ele, o etnocentrismo está presente mesmo no relativismo de Montaigne ou no humanismo de Lévi-Strauss. É um recado duro a todos que se dedicam às idéias e um aviso sobre as dificuldades do pensamento independente. Em cada atitude humana há sempre a marca de uma cultura impregnada. A reflexão de Todorov atinge especialmente a antropologia, surgida exatamente da tentativa de compreender o outro. O objetivo generoso, muitas vezes, desanda na busca de enquadrar o diferente nas categorias dos antropólogos.

Historicamente, a diferença e a intolerância possuem um papel relevante. Seres humanos, unidos na espécie, constroem mundos (política, social, cultural e historicamente) distantes e, por vezes, contrários. Contrastes expressos na maneira de se vestir, de se comportar, de pensar, na forma de agir em relação aos fatos naturais e em uma incompreensão profunda do outro. O distante passa a ser o inimigo que ameaça. O século 20, exemplarmente, assistiu a tragédias originadas da intolerância do "eu" com o "outro". Tanto as guerras mundiais quanto os regimes fascistas tiveram origem em disputas entre os povos, depois do crescimento dos nacionalismos étnicos (estruturados na idéia da existência de raças escolhidas por Deus e, portanto, superiores) no final do século 19.

Na leitura de Todorov, há o prazer do texto e a profundidade do pensamento. A cada página somos confrontados com a desconstrução de verdades aparentemente absolutas. E o nosso etnocentrismo, que pode ser o amor pelo Estado, o gosto musical ou literário ou o que pensamos sobre negros, índios e estrangeiros, corrói-se no confronto com as idéias. O que parecia natural deixa de sê-lo. E o cultural adquire uma dimensão menos definitiva.

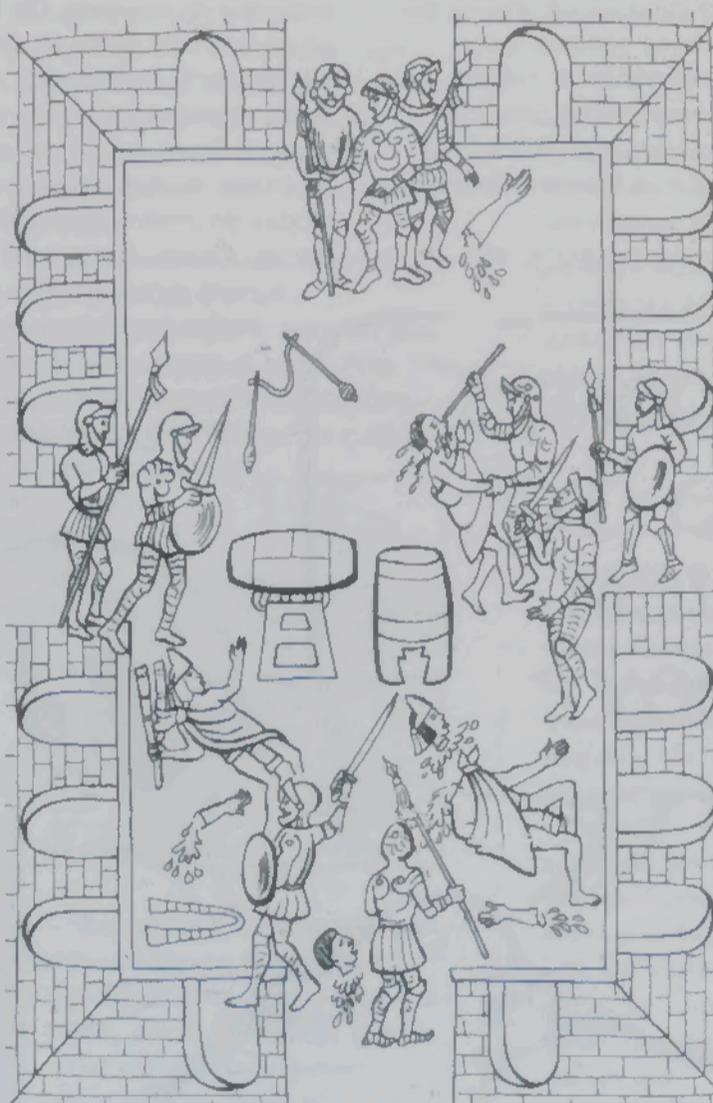


Ilustração do livro *A Conquista da América*

faz do outro". Utilizando os relatos de alguns conquistadores espanhóis sobre aqueles momentos excepcionais, o livro mostra o impacto na vida e nas idéias de cada um deles e desvenda as razões do maior genocídio de que se tem notícia. Para Todorov, "a descoberta dos americanos é sem dúvida o momento mais surpreendente de nossa história".

Mas há belas lições em meio à trágica conquista da América pela Espanha. Quando um capitão espanhol tentou seduzir uma índia, bela e graciosa, ela preferiu a morte. A jovem maia havia prometido ao seu marido, que partiu para a guerra, não se entregar a nenhum homem. E assim fez.

# O papa underground que

por  
Márcio Biriato

Como o cartunista Robert Crumb foi adotado, meio a contragosto, como símbolo da contracultura nos Estados Unidos.

# odiava os hippies

Os gibis, na forma como conhecemos hoje, surgiram nos Estados Unidos. Na década de 30 já existiam várias personagens consagradas através das tiras de jornais. Alguns funcionários de uma gráfica tiveram uma idéia oportunista: compilar essas tiras e publicá-las na forma de revista. *Funnies on Parade*, de 1933, foi o primeiro *comic book* da história. Era baseado nas tiras de Mutt e Jeff, já conhecidos através dos jornais. A primeira tiragem de 10 mil exemplares se esgotou rapidamente e a segunda saiu com 100 mil cópias. A partir daí surgiram vários outros gibis, que na origem eram

basicamente voltados para histórias de humor, com personagens como Burucutu, Krazi Kat, Popeye e Jim das Selvas.

Muitos editores não tinham dinheiro para pagar os direitos autorais das tiras de jornais e apelaram para autores mais desconhecidos. Vieram então os primeiros gibis feitos a partir de material inédito. A consolidação do formato *comic book* veio com a publicação da primeira edição de *Super Homem*, em 1938, que foi o pioneiro com periodicidade regular.

De lá para cá, uma linhagem dos quadrinhos foi completamente sugada pela indústria cultural. O gênero de super-heróis representa até hoje uma fonte lucrativa e inesgotável de argumentos para filmes de Hollywood. Não podemos deixar de citar o próprio *Super Homem*, além de *Guerra nas Estrelas* (inspirado nos quadrinhos

de Jack Kirby), *Batman* e *Homem Aranha*.

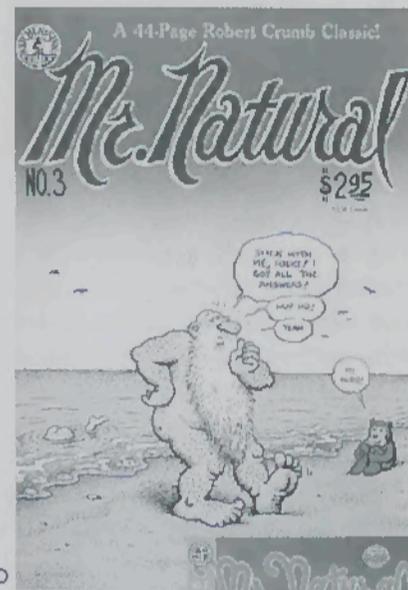
Paralelamente, se desenvolveu uma vertente que ia contra esta tendência consumista para onde caminhavam os gibis. Na década de 60 emergiram vários autores que renegaram o circuito comercial. A primeira palavra que nos vem à cabeça quando falamos de quadrinhos underground é, sem

dúvida, Robert Crumb.

Crumb foi um adolescente definido por ele mesmo como atípico. Seu irmão mais velho, Charles, foi quem o introduziu no mundo dos quadrinhos. Charles era um completo aficionado no assunto e obrigava Robert e seu irmão Maxom a desenhar e escrever. Os três passaram boa parte da infância e da adolescência trancados em casa lendo e, principalmente, produzindo gibis. O traço pesado e as texturas de linhas de Robert foram influências nítidas do irmão mais velho. Na escola, Crumb sempre foi considerado

o nerd da turma. Ele e seus irmãos haviam se fechado para o mundo exterior em função dos quadrinhos. Com 17 anos, Bob não se interessava pelas coisas normais da juventude:

desenhava compulsivamente e saía à procura de discos velhos em bairros negros. Sempre foi um tarado por blues e jazz antigos. Em 1965, Crumb começou a colaborar para



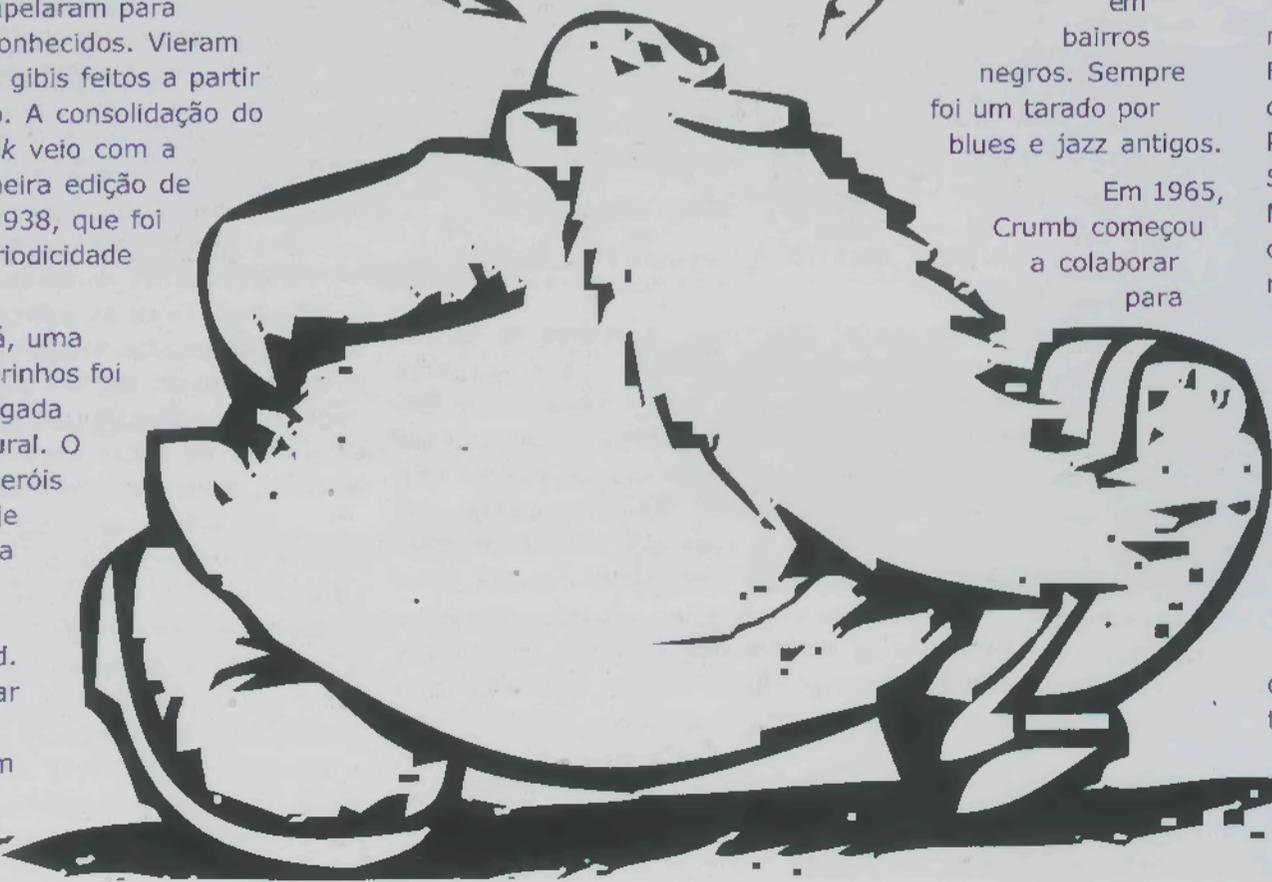
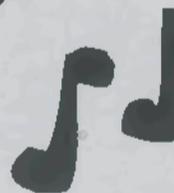
a revista *Help*, que pertencia a Harvey

Curtman, co-criador da *MAD*. Entre este ano e 1966, Crumb tem uma experiência com LSD que mudaria sua vida (ver box). Nesta época, criou personagens como *Mr. Natural*, *Flakey Foont* e *Vulture Demonesses*.

Em 1967, o desenhista mudou-se para San Francisco e teve contato com outros talentos como Rick Griffin, Spain Rodriguez, S. Clay Wilson e Victor Moscoso. Ele e alguns colaboradores criaram a revista *Zap Comix*. *Comix* com "X" era uma crítica ao *Comic Code*, um órgão do governo que restringia o conteúdo dos gibis. Eles, então, denominaram *COMIX*, pois assim a censura imposta pelo código teoricamente não os afetaria.

O movimento de quadrinhos underground tinha como base uma produção praticamente artesanal e de baixo orçamento. As capas eram coloridas e o

WHO WANTS  
TO GO TO  
HEAVEN  
ANYWAY?



miolo feito em papel de qualidade inferior. As vendas eram de mão em mão. O público consumidor eram universitários e integrantes das comunidades alternativas, que na segunda metade da década de 60 proliferaram vertiginosamente nos Estados Unidos.

A edição número zero da Zap Comix, de 1968, pode ser considerada como o início do boom dos quadrinhos underground nos Estados Unidos. O país se livrara há pouco do Comic Code, que vigorou de 1954 a 1965. Mesmo assim Crumb teve problemas com a Justiça. A edição número quatro da Zap Comix foi apreendida. O motivo foi uma história que envolvia incesto em uma "típica família feliz americana dos anos 50". Crumb chegou e ser preso e julgado.

Na época seu personagem mais conhecido era Fritz The Cat. Em 1970, Crumb vendeu os direitos do gato para o animador Ralph Bakshi. O resultado foi um longa-metragem cujo resultado nada agradou ao seu criador original. Em 1972, foi publicada a história em que Crumb mataria seu personagem mais famoso.

Todos estes incidentes acabaram aumentando ainda mais a popularidade de Robert, porém

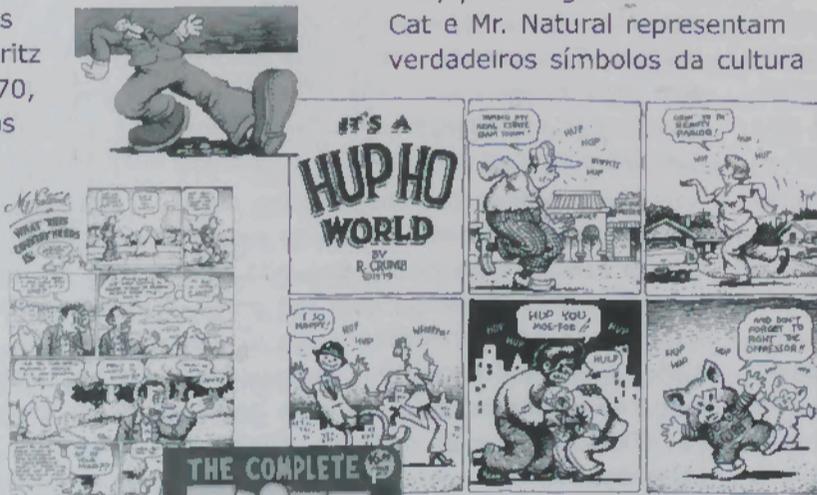
Mr. Natural and his pal R. Crumb



ele se mostrou completamente avesso ao sucesso. A partir da experiência desagradável com o Gato Fritz, Crumb nunca mais vendeu os direitos para utilização em filmes de qualquer uma de suas criações. Passou quase uma década distante das publicações de quadrinhos. Em

1976, recusou-se terminantemente a participar do programa de TV Saturday Night Live. Até hoje ele nega propostas de produtores de Hollywood interessados em adquirir os direitos de Mr. Natural para fazer um filme.

Crumb foi aclamado como o papa dos quadrinhos underground. Muito mais do que isso, personagens como Fritz The Cat e Mr. Natural representam verdadeiros símbolos da cultura



alternativa americana. O mais contraditório é que ele não compactuava com o clima de paz, amor, psicodelia e rock. Em pleno flower power, Robert, um ícone do underground, se vestia com camisas para dentro das calças, cinto, sapatos,

chapéu, e como todo nerd que se preze, um par de óculos fundo de garrafa - acrescentando-se que era magro, alto e meio curvado. Não tinha nada a ver com o visual hippie da época. O próprio Mr. Natural era uma sátira do movimento, pois era uma baixinho barbudo completamente perverso, machista e sem perspectivas de vida.

Atualmente Crumb vive no sul da França com sua segunda esposa, sua filha e sua coleção de vinis velhos 78 RPM.

Trecho extraído do documentário Crumb, de 1995, dirigido por Terry Zwigoff:

Crumb - Sofri uma grande mudança entre 1965 e 1966. Era visionária, sabe? Muito poderosa. Uma experiência visionária arrebatadora. Eu tomei uma droga estranha. Era LSD, mas tinha um efeito estranho. Meu cérebro ficou confuso e isso durou dois meses. Comecei a ver imagens de personagens de desenho que jamais tinha desenhado, com sapatos grandes... Deixei de tentar ter coerência sobre o que estava fazendo. Aí desenhava histórias com fluxos de consciência e invenções. Não precisavam ter um sentido, podiam ser bobas. Não fazia a menor diferença. Todas as personagens que usei nos anos seguintes foram criadas durante este período. Faziam parte da visão que eu tive. Era a revelação do lado torpe do subconsciente americano. Quando estava desenhando isso, havia uma garota que ria muito:

-Ah, não é bonitinho?

Para mim era um show de horror. E ela achava bonito, como aparência de feliz. Para mim estava desenhando o lado de horror da América.

(...)E havia uma lenda que eu sempre ouvia. As pessoas diziam: "Alguém me disse que você morou com o Grateful Dead e saía com Jerry Garcia". Nunca tive nada com esses caras. Odiava aquela música. Fui a alguns shows de rock e dormi no meio. Achava chata aquela música psicodélica.

Terry - É irônico você ser identificado com os anos 60, e na época, não parecer encaixar-se no paz e amor.

Crumb - Eu bem que tentei ser como eles. Meu principal motivo era conseguir o amor livre, mas não era bom naquilo. Me perguntavam: você é viciado? As garotas saíam de perto de mim. Eu era exatamente como sou hoje. Eu não me vestia do jeito certo. Lembro de Janis Joplin me dando um conselho:

- Crumb, o que há? Não gosta de garotas?

- Claro que gosto, respondi.

- Então deixe o cabelo crescer, ponha uma camisa de cetim, paletó de veludo e sapatos de plataforma. Você vai ficar legal.

Eu não podia fazer isto. Para mim tudo isso parecia ser tolice. Não podia ser igual.



# Movimentos

Em meio à agitação de um grande centro urbano, a arte consegue florescer que falamos

por  
**Tahiane Stochero**

**D**uas formas de expressão nasceram com o ser humano e o acompanham por toda a sua história, delas derivando todas as outras: a arte e a religião. As primeiras manifestações artísticas do Velho Mundo datam do período Paleolítico Superior (de 30000 a.C. a 9000 a.C.) e nestas se incluem estatuetas humanas e pinturas nas cavernas. Na Mesopotâmia, entre 4000 e 331 a.C., os sumerianos, babilônios, assírios e outros povos também realizaram uma arte que expressava a religiosidade e o poder dos governantes. Dois mil anos depois, mesmo com toda a evolução tecnológica, a religiosidade e a arte mantêm-se ligadas e prosseguem transmitindo cultura. Apenas o lugar mudou: a arte agora está na rua.

Em meio à agitação, aos vendedores ambulantes, ao barulho das sirenes dos carros da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (Smic) e à multidão que corre de um lado para o outro atrasada em seus compromissos cotidianos, dois homens movem-se lentamente e atraem a atenção dos transeuntes. Abraham Ponce e Antônio Rionei Soares dos Santos interpretam há seis anos duas estátuas vivas, uma de um Deus grego e outra do anjo Gabriel, e já conquistaram uma "família" no centro da Capital gaúcha.

Natural de Córdoba, província argentina situada a 400 quilômetros de Buenos Aires, Abraham Ponce formou-se como ator de palco no Teatro Nacional daquele país, mudando-se em 1997 para o Brasil com a finalidade de levar a arte até o povo. "Este é o nosso principal objetivo", comenta ele, "fazer com que todos possam ter a cultura no seu dia-a-dia, até mesmo estas pessoas simples, que muitas vezes não têm conhecimento e não possuem R\$ 40,00 para ir ao Teatro São Pedro". Ponce enfoca que a arte deve ser "para todos", independente do nível social em que vivam, e que é por este motivo que ali trabalha.

- Queremos levar a cultura a todo o povo, desde o mais rico até o mais pobre, continua ele, explicando o porquê de ter abandonado, na Argentina, a família, o teatro e a faculdade de arquitetura, que cursava em Santa Fé, na Universidad Federal de Rosário, e ter emigrado para Porto Alegre.

Pintados de branco, com uma mistura resistente ao calor desenvolvida em São Paulo especialmente para este tipo de arte, as estátuas movem-se lentamente quando alguém coloca uma moeda em um cesto. Atração plena entre as crianças, as "estátuas" entregam aos admiradores um papel com uma mensagem. Entre as personalidades preferidas pelos artistas e que possuem frases nos seus balaios encontram-se Fernando Pessoa, Leonardo Da Vinci, Saint Exupéry, Ghandi e Buda, incluindo ainda passagens religiosas e bíblicas, as quais devem ser lidas duas vezes ao dia pelos evangélicos - um público em potencial desta forma de trabalho.

- Gosto muito de Mário Quintana - afirma Ponce, ao comentar a escolha das mensagens. Ele era um artista de rua como nós. Andava pela Andradas, conhecia e cumprimentava todos que por ele passavam. É uma espécie de homenagem que faço a ele, uma forma de manter vivos na memória das pessoas pequenos trechos de um grande escritor da rua. Abraham enfatiza que a arte que promovem é praticada em toda a Europa e América Latina e que através dela eles conseguem atingir as pessoas e passar a elas uma mensagem. O diferencial, segundo o artista, está "na forma em que você cativa as pessoas".

- Trabalhamos com a arte sensibilizando e vivemos disso. Fazemos o trabalho de graça, na rua, para as pessoas que não têm condições. Mas quem tem, deve pagar, afirma ele, indignado com o enfoque que a mídia e

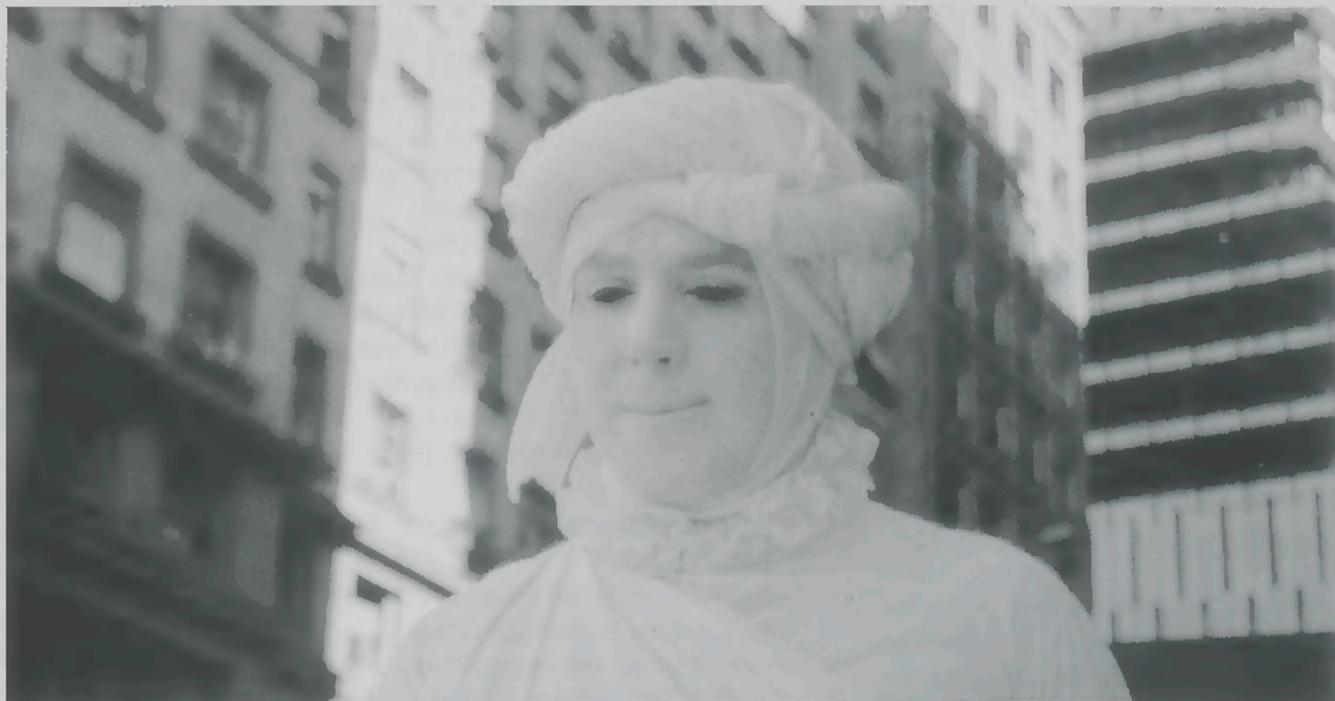


foto: Tahiane Stochero

Expressões Suntuosas: o povo tendo acesso à arte nas ruas da cidade

alguns eventos fizeram de sua forma de trabalho.

Ao comentar a maneira com que interagem com os admiradores de sua arte, o artista atribui aos pais a mediação da cultura por ela expressa e o intelecto infantil. "Através de nossa arte entramos no mundo mágico das crianças. Com apenas uma moeda deixamos ela feliz e satisfeita, mexendo com seus sentimentos. Aos pais cabe a responsabilidade de ensinar e transformar a mensagem. A criança pensa que estamos dizendo algo, só que não consegue compreender o que isto quer dizer", destaca ele.

Neste contexto, Abraham lembra quando, certa vez, ao entregar a uma criança um coração com a palavra paz escrita, esta perguntou ao seu pai: "Pai, o que significa paz?". Segundo Abraham, o pai respondeu que paz seria o menino não brigar com seu irmão. "Estamos sendo como pontes na transmissão de conhecimento aos pequenos", ressalta feliz a "estátua". Rionei e Abraham explicaram que ganham muito bem trabalhando com esta forma de expressão, algo em torno de R\$ 40,00 em contribuições diárias e R\$1.500,00 por evento realizado. Entre estes, incluem-se formaturas, filmes (Abraham participou de O Homem que Copiava de Jorge Furtado e do projeto Histórias Curtas da RBS), exposições e feiras de negócios, além de diversos tipos de empreendimentos e formas de divulgação.

Ambos sustentam-se somente deste trabalho. Rionei, que trabalhava no comércio antes de ser convidado por Abraham para ser "estátua-viva", possui esposa e três filhos pequenos, e consegue arcar com todas as despesas da família somente com a arte - o que era impossível quando recebia apenas R\$ 300,00 mensais.

- As pessoas acham que o que ganhamos é pouco, mas ganhamos bem, porque o público nos vê, e é através de nossas exposições que recebemos convites. Turistas e pessoas de diferentes culturas passam pelas ruas. Nosso trabalho é nosso marketing, pois cada apresentação exige uma pesquisa prévia, além de movimentos e roupas diferenciadas para representar um novo personagem.

Os dois artistas salientam ainda que o povo brasileiro não é tão receptivo quanto o argentino em relação às demonstrações de arte e cultura alternativa. Segundo Ponce, na Argentina os cidadãos são acostumados a ver nas ruas das cidades pessoas fazendo shows de marionete e dançando tango, dança típica daquela região, enquanto que no Brasil a arte demonstrada nas ruas é encarada com receio e preconceito:

- Melhorou a forma como os brasileiros enxergam nosso trabalho. Neste país as pessoas possuem vergonha de exibir e de apresentar a sua cultura na rua. Na Argentina, pelo contrário, o povo não tem vergonha de representar sua cultura popular. Por que aqui as pessoas não demonstram sua cultura nas ruas também, seus estilos de dança típica e sua arte? Será que eles têm vergonha disso? - questiona Abraham.

Esqueça as roupas transadas: o que você põe no prato hoje em dia pode ser mais fashion do que qualquer marca

por  
Bruno Galera

# S Comida

# R A D A

**A** alimentação sempre foi uma das características mais peculiares e ricas da nossa espécie. Durante milhares de anos de evolução, o *Homo Sapiens* e todos os que vieram antes dele sempre batalharam pela sobrevivência fugindo de ataques de animais, da ira da mãe-natureza e de eventos que cabem única e exclusivamente à sua controversa capacidade racional, como as guerras e seus conseqüentes genocídios.

No entanto, é ainda mais flagrante o esforço despendido na obtenção do seu sustento alimentar que, até onde sabemos, é indispensável à manutenção do ser vivo (apesar de já não ser incomum manifestações de indivíduos que dizem se alimentar única e exclusivamente de luz, os chamados *breatherians*). Este movimento em direção à prospecção e preparação da comida também já foi causa de batalhas sangrentas e outras convulsões ao longo da história. Na França da tresloucada Maria Antonieta (governou de 1774-1792, ao lado de Luis XIV), tornou-se célebre a declaração da monarca que, ao ser informada por um assessor da miséria e fome pelas quais passava o povo francês, só soube declarar: "Se o povo não tem pão, que coma brioche". Não se pode afirmar que este foi o catalisador propriamente dito da deflagração da Revolução, mas é certo que a frase explícita as condições de vida da época que, por bem ou por mal, atacavam a sociedade diretamente pelo estômago.

Com o passar do tempo, deram-se muitas mudanças marcantes no cardápio humano. De seres praticamente apenas carnívoros durante os tempos das cavernas, fomos variando o menu com uma velocidade espantosa, o que leva muitos estudiosos a afirmarem que, sem a capacidade de nos tornarmos onívoros quase sem restrições, não teríamos sobrevivido para contar história. Isso sem lembrar a variação por conta do consumo calórico, que das quase 8.000 calorias ingeridas por povos como os visigodos na Idade Média, hoje giram em torno de 2.000 diárias, pelo menos de acordo com o que recomenda a boa maioria dos nutricionistas.

Mas na atual conjuntura globalizada não somente em economia, mas também em ideologias que até podem des-cambiar em pavorosos mo-

dismos estéticos, comer deixou de ser apenas uma necessidade. Hoje em dia, pode-se rotular um comportamento ou estilo apenas pelo que você coloca no prato na hora do jantar. Revistas e os obtusos especialistas recomendam, e por tabela impõem, dietas para que você possa estar atualizado com as últimas tendências, que variam de suco de clorofila até algum tipo de sobremesa com sabor de cosmético barato.

Só que existe um movimento alternativo à alimentação fashion, que das academias e telenovelas cai diretamente no gosto do populacho (este de forma alguma distinguido pelo seu poder aquisitivo, mas sim pela sua tendência a se deixar influir).

Tentando vencer suas próprias fobias, mas, principalmente, buscando contrariar a desenfreada luta contra a alimentação teoricamente nociva à saúde e aos patamares ditados, Jeffrey Steingarten, crítico gastronômico da revista *Vogue*, destrinchou o universo alimentar no seu livro *O Homem Que Comeu de Tudo* [Companhia das Letras, 2000]. Na sua busca quase obsessiva pela informação correta em tudo que concerne à culinária, o ex-advogado tenta desmontar preconceitos que já se tornaram praticamente clichês em qualquer cardápio saudável mundo afora.

Pressionando órgãos de saúde dos EUA, Steingarten percebe que não há ligação tão estreita entre a ingestão de gorduras e as mortes por ataque do coração quanto pensamos. Na França, de cada 100 mil homens de meia-idade, apenas 143 morrem anualmente de doenças cardíacas coronarianas, comparados aos 315 casos na mesma proporção de norte-americanos. Torna-se um paradoxo, na medida em que os francos são notadamente avessos aos exercícios físicos e também consumidores desenfreados de alimentos extremamente gordurosos (como a manteiga e o fígado de ganso). Em busca desses esclarecimentos, o autor percebe um grande potencial lobbístico envolvendo as empresas de alimentos dietéticos e as estatísticas européias, que batem de frente com os estudos feitos por organismos baseados na terra do Tio Sam.

Entre modismos e vícios alimentares, o vegetarianismo é um dos campeões. Com seu grande boom observado na colorida década de 60, esta dieta hoje encontra adeptos das mais diversas variantes. Segundo pesquisa feita em 1993 pela revista *Vegetarian Times*, cerca de 6,7% dos adultos norte-americanos se declaram vegetarianos, um aumento considerável diante da

porcentagem verificada na década de 80 (3,7%).

O único detalhe é que, aparentemente, a grande maioria das pessoas possui um conceito um pouco confuso sobre o que é o vegetarianismo. Quase 40% dos entrevistados admitiram comer carne de aves ou peixes mais de uma vez por semana. E o que surpreende ainda mais: 10% afirmaram, sem hesitar, que saboreiam suculentos bifés pelo menos uma vez a cada sete dias, o que nos leva a concluir que, além de desconhecem o dicionário, um grande contingente de indivíduos simplesmente usa do termo para algum outro fim escuso que, certamente, não está ligado a preferências gastronômicas.

Só que generalizar aqui é uma tremenda ignorância. Existem sim vegetarianos que, na contramão da maré, parecem realmente informados e conscientes de suas decisões alimentares e que nos fazem acreditar que é possível o hábito da alimentação saudável sem o ranço dos descolados de plantão.

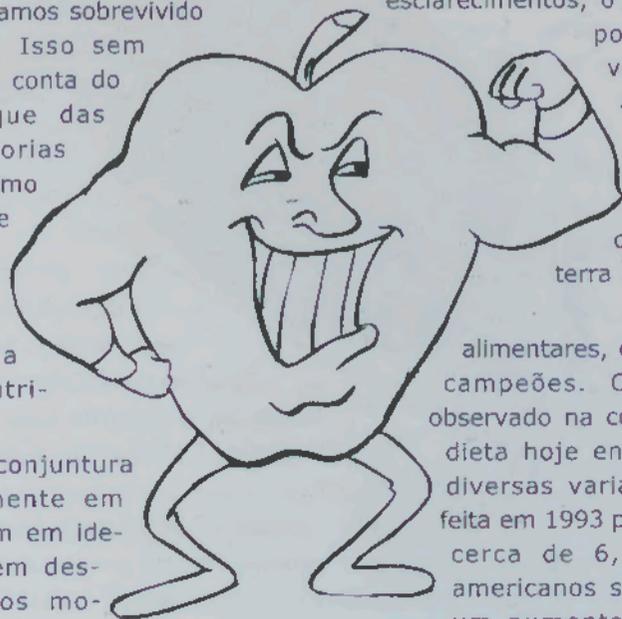


Paulo Boeira, 20 anos, decreta, logo de cara: "Sou ovo-lacto-vegetariano há dez meses". Vindo de uma dieta rica em carnes e leite, este estudante de engenharia passou a adotar o novo cardápio por concluir que "a carne produz mais efeitos maléficos do que benéficos para o organismo". Contra os vegetarianos de butique, dispara: "Uma pessoa que se diz vegetariana, mas que come carne de vez em quando, é na verdade um hipócrita". Segundo ele, o vegetarianismo não deve ser encarado como um embuste: "Aquele que adota este sistema nutricional deve ser consciente e informado".

Boeira diz que precisou de algumas semanas de adaptação ao novo modelo alimentar, mas que o resultado e as vantagens foram significativas: "O metabolismo se acelera e a absorção dos nutrientes é mais eficaz".

Igualmente descartando a necessidade de matar animais para se alimentar, Diego Masiero, 21 anos, cortou o açougue de sua dieta em 2001. Não se preocupando em perder tempo explicando seus motivos para os curiosos, este estudante de educação física percebe que, desde sua decisão de parar de comer carne, houve um maior envolvimento com a preparação da sua comida, o que resultaria numa alimentação mais balanceada e elaborada. "Não fico comendo apenas lanches, mas preparo refeições equilibradas. Mesmo quando viajo com amigos, não fico me alimentando à base de macarrão instantâneo, mesmo que isso tome um pouco de meu tempo." Além disso, cita como vantagem o maior envolvimento com aquilo que come, o que estaria não somente ligado à sua saúde, mas ao prazer do simples ato de fazer uma boa refeição.

Exemplos não faltam de quem reflete, pelo menos por alguns segundos, sobre aquilo que mastiga. São minorias que, não importando a ideologia ou os gostos envolvidos, deveriam ser a regra. Mas o mundo parece não ter tempo para pensar.



# A popularização da música eletrônica

por  
Vanessa Siviero

O estilo de som que saiu dos computadores chegou para ficar. No entanto, a cena já não é mais a mesma e os DJ's discutem essa mudança.

## MÚSICA ELETRÔNICA

**A**o se falar em música eletrônica não se pode deixar de pensar nas chamadas festas raves, nos clubbers e no consumo de drogas, principalmente o ecstasy. Essas e outras características fazem com que ela seja associada ao mundo alternativo. No entanto, a "cena" está bem diferente e abrange muito mais do que essa simples generalização.

Após a criação dos sintetizadores, no final da década de 50, esse estilo só evoluiu, chegando ao sistema digital, que aumentou infinitamente as possibilidades de fazer esse tipo de música. Vinte anos separam os primeiros equipamentos de apenas um dispositivo dos digitais *synclaviers*, criados na década de 70. Outros 20 anos foram necessários para que a música sintética que saía dos computadores caísse no gosto da massa.

Tribal, tech step, ragga, alternative dance, drum'n bass, trip hop, techno, trance, psychedelic trance e acid trance. Esses são apenas alguns estilos de música que os chamados DJ's (*disc jockey's*) podem escolher para tocar em uma festa. Para os desinformados, entretanto, música eletrônica - ou e-music como é também conhecida - é um único tipo de batida, o que faz com que muitos comentem que tudo soa igual.

Por exemplo: muitas pessoas acreditam que música eletrônica é sinônimo de techno, o que não é verdade, pois esse é apenas um entre os tantos estilos existentes. Assim, até mesmo bandas pop, que escutam diariamente nas rádios jovens, utilizam elementos eletrônicos em sua estrutura - embora muitas vezes isso não seja perceptível.

O movimento eletrônico vem crescendo desde a década de 80, quando DJ's de Chicago, Nova Iorque e Londres começaram a difundir o som em grandes casas noturnas. Então, o cenário eletrônico explodiu na década de 90, assim como o uso de drogas nas festas raves. Esse consumo exagerado é criticado pelo DJ Nando Barth, que diz que o ecstasy deixa qualquer pessoa feliz e agitada. Para ele, isso faz com que a pessoa dance qualquer estilo que o DJ toque, sem distinguir a qualidade da música.

Outra reclamação de Nando Barth e do DJ Antônio Navarro é que a maioria das pessoas que tem frequentado as raves não conhece o som que está escutando e quer apenas "badalar" e "caçar", ou seja, conhecer pessoas interessantes, sem se importar com o que é esse estilo musical e tudo aquilo que ele envolve.

Para o DJ Nando Barth, a música eletrônica continuará sendo alternativa enquanto não dominar as casas noturnas de Porto Alegre, assim como acontece com o hip hop atualmente. Ele acredita que o povo gaúcho ainda é um tanto quanto conservador em relação às raves e àquilo ao qual elas estão associadas, o que certamente gera preconceito. Segundo ele, há uma previsão de que esse estilo de música esteja fazendo um enorme sucesso na capital daqui a um ano, o que ele diz não acreditar, pelo menos por enquanto. Segundo o DJ Navarro, alguns estilos de e-music ainda são alternativos, como o drum'n bass, mas outros, como o techno, já deixaram de o ser. Navarro é um dos produtos da chamada "Quarta Quebrada" e diz que muitas vezes as festas promovidas por ele só atraem público quando trazem DJ's famosos, como Patife e Marky.

Enquanto isso, o DJ Fabrício Peçanha, que é um

tizadores, no evoluiu, che- aumentou fazer os

dos donos da casa noturna porto-alegrense Spin, declara que a cena eletrônica não é mais alternativa. Ele diz que "muitos querem que seja (alternativa), mas não é mais assim". "A e-music evoluiu muito, hoje temos mais opções e mais qualidades nas festas. Nos deparar com raves por todo lugar, ou até raves com pista de forró, é básico de gente que quer ganhar dinheiro em cima de algo que está crescendo muito, cabe ao público saber distinguir festas e festas" continua Fabrício.

Sobre a expansão da música eletrônica, Fabrício comenta: "O que acontece com a popularização é que a e-music vai se segmentar cada vez mais, vai haver festas com um estilo de som e com um tipo de gente e cada um vai se encaixar no estilo que se sinta melhor, vai continuar existindo o alternativo, assim como o underground".

Para o músico Moisés "Moishe" Matzenbacher, baterista da banda caxiense Cabaret Hitec, os "media" tecnológicos estão varrendo a população quase que uniformemente e isso faz com que a expansão seja inevitável, gerando a banalização da cultura.

Assim, a forma e o conteúdo acabam se dissolvendo, atingindo a música eletrônica e a desviando de seus objetivos. Outro

problema, segundo Moishe, está na organização de grupos, as chamadas produtoras, que são responsáveis pela organização de raves.



"Como música eletrônica virou negócio lucrativo os grupos de produtores são escolhidos por lobby. Não existe mérito, controle de qualidade, diversidade e processo evolutivo", comenta ele.

No entanto, o músico acredita que o caráter alternativo se mantém intacto, pois sempre haverá uma atuação marginalizada, assim como ocorre com outros gêneros, sendo o jazz e o rock bons exemplos

Foto: Fábio Mergulhão  
capa do livro  
Tudo DJ's Sambou  
pela Editora Conrad

disso. "Infelizmente, o acesso ao alternativo no Brasil está na internet, que ainda é um gueto para a maior parte da população. Música alternativa é para pessoas alternativas", finaliza Moische.

A jornalista Claudia Assef, diretora de comunicação da Associação dos Amigos da Música Eletrônica (AME) e autora do livro *Todo DJ Já Sambou - A História do Disc-Jóquei no Brasil*, é completamente a favor da popularização da e-music. "Quanto mais gente fazendo música eletrônica, mais chances de ter produções de qualidade", diz ela. Claudia acredita que "sempre tem gente que vai atrás de 'modinhas'. Em qualquer meio tem as pessoas vazias, que vão porque é 'fashion', é 'in' ". Segundo a jornalista, "esse povo logo enjoa, não volta mais. Então é só chegar uma nova moda que eles migram. Pode ser sertanejo, axé, power aeróbica, etc. No entanto, o underground sempre sobrevive às modas. Assim, tem rave que é

ultracomercial. Mas as festas de verdade ainda acontecem, ainda bem".

Se por um lado a cultura eletrônica está sendo cada vez mais banalizada e popularizada, ainda há aqueles que entendem deste tipo de som e que se preocupam com o futuro da cena eletrônica no país. Entretanto, sempre haverá os que possuem um conhecimento raso sobre o assunto e que freqüentam as raves apenas por ser a nova moda do momento. A batida eletrônica, o ecstasy, as roupas diferentes e cabelos coloridos não deixam de fazer com que as pessoas se sintam alternativas, ou seja, livres de tudo aquilo que a moda impõe nos dias atuais. Provavelmente a música eletrônica acabe "estourando" no Brasil, a exemplo do que aconteceu no exterior, mas a questão é saber por quanto tempo ela permanecerá no topo.

# Alternativo ou TRADICIONAL

por  
**Clarisse Freitas**

Como a mesma cultura recebe rótulos diferentes nos mais diversos lugares

A cultura é definida pelo dicionário Aurélio como "a parte ou o aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc". Mas o que determina se uma cultura vai ser considerada tradicional ou alternativa?

As culturas tradicionais têm origem em tempos quase imemoráveis, apesar de jamais poder se apontar o momento exato de sua criação. A cultura gauchesca, por exemplo, não existia no Rio Grande do Sul quando aqui chegaram os primeiros jesuítas, nem quando, mais tarde, os bandeirantes deram início a colonização portuguesa. Aspectos destes dois momentos históricos, contudo, são bastante identificáveis na cultura tradicional do Estado.

Os fatos históricos, as influências culturais dos migrantes, as condições econômicas e o clima são alguns dos ingredientes que formam uma base antropológica suficientemente forte para ligar as pessoas à tradição, mesmo na pós-modernidade.

Ao descrever o processo de permanente transformação da sociedade pós-moderna, ou da "modernidade fluida", o sociólogo Zygmunt Bauman constata que "a busca da segurança numa identidade comum e não em função de interesses compartilhados emerge como o modo mais sensato, eficaz e lucrativo de proceder". Adiante, em *Modernidade Líquida*, JZE editor, ele mostra como a busca da identidade comum reforça a cultura que (citando Sharon Zukin) em termos norte-americanos é, antes de tudo, etnicidade.

Etnicidade pode ser compreendida como a base antropológica que apóia a cultura tradicional e a qual, todas as pessoas recorrem em um dado momento de sua vida, segundo a percepção do diretor técnico do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Igtf), Vinícius Brum.

Ele afirma que "chega um momento em que o homem procura um referente no repertório acumulado, algo que lhe dê segurança para se perceber e aceitar como indivíduo".

Se, por alguma razão, o sujeito não se encontra na tradição em que está inserido, esse processo de afirmação pode se manifestar através da busca de outras manifestações tradicionais que pertencem ao repertório de fundação da humanidade.

"Importando" uma outra cultura, ou adotando e reafirmando costumes de imigrantes, a cultura tradicional de outro lugar assume um papel de alternativa. Por estar distante de sua base antropológica, contudo, a resistência encontrada é tamanha que chega a comprometer sua repetição. A tendência é que fique restrita ao pequeno grupo que dela se apropriou.

Outro processo que se põe às culturas alternativas é a elevação ao pop, ao estouro. Contudo, como todo produto cultural explorado comercialmente, está fadado à existência efêmera.

"Quando o forró virou moda em Porto Alegre, várias casas nos chamaram para coordenar sua noite de forró. Contudo, poucas entenderam que esta é uma festa diferente daquelas com as quais se está acostumado. O que os donos das casas queriam era somar o público forrozeiro ao seu público habitual, e não formar um público cativo para a festa de forró da casa. Só os projetos que entenderam a diferença conseguiram sobreviver.", comenta o músico Itamar Orla, um dos precursores do forró no Rio Grande do Sul.

Uma discordância entre os dois fundadores da Maria Bonita, primeira banda de forró de Porto Alegre, marca bem os aspectos tradicionais e alternativos que uma cultura pode ter. Para Itamar Orla, que é nordestino, trata-se de uma cultura tradicional. "Tem mais de 200 anos e não vai morrer nunca". Já o músico gaúcho Elojac diz não

ter dúvidas, "forró no Rio Grande do Sul é contracultura".

A convivência entre a cultura tradicional e a cultura pop é polêmica. As festas promovidas pela Cia Tragus e Estragus, um antigo bloco de carnaval de Caçapava do Sul, extremamente ligado ao tradicionalismo, são um bom momento para observar esse contato.

"Já nos deparamos com várias reações, algumas agradáveis, outras nem tanto. Nas mais agradáveis houve uma identificação que as pessoas não julgavam ter. Os sujeitos que não são receptivos, não condenamos, pois não tiveram o prazer de conhecer um pouco mais da nossa história e cultura. Recebemos alguns comentários sutis sobre nosso 'bairrismo'", conta Marcelo Ferreira, integrante da Cia.

A própria cultura gaúcha assume aspectos alternativos quando é levada para fora do Estado. "Existem CTGs em cidades como Rio de Janeiro, Tóquio e Nova Iorque. Nestes lugares, com certeza, é cultura alternativa e até faz alguns adeptos entre a população local, sem se sobrepor a cultura tradicional", observa Vinícius Brum.

O sociólogo Zygmunt Bauman explica que a busca pela etnicidade (que se dá através da cultura) avaliza a defesa de um espaço que se caracteriza num "nicho seguro, onde todos são parecidos com todos e a fala é fácil". "Não surpreende que, sem muita consideração pela lógica, outras comunidades postuladas, enquanto reivindicam seus próprios 'nichos na sociedade', queiram tirar sua lasquinha da etnicidade e inventem cuidadosamente suas próprias raízes, tradições, história compartilhada e futuro comum - mas, antes e acima de tudo, sua cultura separada e singular, que por causa de sua genuína ou putativa singularidade merece ser considerada 'um valor em si mesma'", escreve.

Em uma comunidade naturista pouco distante de Porto Alegre, cerca de 300 pessoas vivem nuas, na busca pela aceitação do corpo e pelo contato próximo com a natureza

# Quando a nudez

por  
Lilian Laranja  
e Marta Zanetti

## vira estilo de vida

**A**té o século 16, a nudez era algo natural e inerente ao homem. Em inúmeras regiões do mundo antigo, tomava-se banho completamente nu em fontes e jardins públicos e, em tempos helênicos, a ginástica era praticada sem roupa. Não se sabe ao certo em que momento da história a roupa deixou de ser necessária

ças convivem nus em harmonia parece distante. No entanto, esta é uma cena aparentemente corriqueira em uma das 2000 áreas de nudismo existentes no mundo. No Centro Naturista Colina do Sol, localizado a cerca de 70 quilômetros de Porto Alegre, a cada fim-de-semana circulam em torno de 300 pessoas de todas as idades, entre visitantes, veranistas e moradores. Em comum, elas têm o fato de serem adeptas do naturismo, movimento que vê na nudez social uma forma de desenvolver o respeito pelos outros, por si e pela natureza.

Existem cerca de 90 milhões de naturistas no planeta, sendo que 89 milhões vivem nos países da Europa e nos Estados Unidos. Aqui no Brasil, eles são apenas 250 mil, número que parece irrisório comparado ao da Alemanha, onde há 16 milhões de adeptos, mas que não impede que estrangeiros visitem, e até residam, em uma das 15 áreas brasileiras. Na Colina do Sol, por exemplo, cerca de 25% dos moradores são originários de outros países, sendo a maioria deles norte-americanos aposentados, já praticantes do naturismo em sua terra natal. "Eu vim visitar o meu sobrinho e era tão legal, decidi que era um bom lugar para viver. Então construí uma casa e já estou aqui há três anos. Foi a melhor mudança que já fiz", conta um morador de 88 anos, vindo dos Estados Unidos.

Quem perguntar a um naturista o porquê de sua escolha, provavelmente ouvirá sobre a descontração de estar sem roupas. Celso Rossi, diretor e fundador do Centro, vai mais a fundo. Para ele, ao



tirar a vestimenta expomos aquilo de que temos medo e vergonha, passando a aceitar nossa imagem física. "Todas as pessoas têm alguma restrição em relação ao próprio corpo. Numa área naturista, quando vê que ninguém está reparando no seu corpo, você se sente aceito, isso funciona como uma terapia de choque."

Uma área de nudismo pode gerar desconfiança, já que é comum a associação entre o corpo nu e o erotismo. "Existe um tabu muito grande. As pessoas acham que quando juntar um monte de gente nua vão estar todos correndo uns atrás dos outros", diz Rossi. No entanto, o que acontece é exatamente o contrário, segundo ele. "Se num show de strip-tease a mulher chegasse nua, não ia ter a menor graça. O que causa excitação é o que está escondido, se insinuando para ser mostrado. É

muito mais atraente uma pessoa com pouca roupa, do que totalmente nua, porque na nudez ela não dá nenhuma chance para fantasia."

Praticante desde os 12 anos, Rossi acredita que o preconceito diminuiu com a difusão de

informações sobre o movimento. "Já foi o tempo que as pessoas não conheciam o naturismo e tinham preconceitos. Ao contrário, hoje

os naturistas são admirados por não se apegarem a falsos pudores, que na verdade tolhem nossa liberdade." Tal despreendimento parece se comprovar na prática. O receio de um primeiro visitante vai se dissipando conforme o respeito que existe entre os praticantes se revela. A surpresa passa a ser não a nudez social em si, mas a relação natural que essas pessoas estabelecem com o corpo despido, desprovidas de malícia ou preocupações estéticas.



para tornar-se obrigação. Porém, de mero acessório para a proteção da chuva, do vento e do frio, as vestimentas passaram a criar um tabu a respeito do corpo e a constituir um veículo de vaidade e poder.

A imagem de um lugar intocado por pudores religiosos e culturais, onde homens, mulheres e crian-



fotos: Ederson Nunes

# A História do Naturismo

Despertada na Alemanha e em clínicas helioterápicas (tratamento pela luz solar) na França, a prática do nudismo em grupo representado pelo movimento filosófico-ideológico do naturismo, teve surgimento no início do século 20 e ganhou impulso após a Primeira Guerra.

Filosofia ou ideal de vida praticado e defendido por todo aquele que não só tira a roupa, mas também suas armas e máscaras, o naturismo representa um modo de vida em harmonia com a natureza, que tem por intenção favorecer o auto-respeito, o respeito pelo outro e o cuidado com o meio ambiente. No Brasil, desde os

anos 40, vários grupos isolados tentaram vivenciar a prática, mas não conseguiram vencer as barreiras culturais nem ganhar notoriedade. Em 1986, a Aapp - Associação Amigos da Praia do Pinho e, em 1988, a FBrN - Federação Brasileira de Naturismo, fundadas pelo diretor da Colina do Sol, Celso Rossi, começaram a espalhar e a regularizar o naturismo no Brasil.

Segundo o escritor Augusto Carneiro, 81 anos, o naturismo teve uma "origem limpa na Europa". A trajetória de vida do ecologista e autor de livros como "A História do Ambien-

talismo", confunde-se com a do naturismo no Brasil. Carneiro começou a praticá-lo no grupo do notório ecologista José Lutzenberger, um dos pioneiros no Estado. Na década de 80, freqüentou a Praia do Pinho, em Santa Catarina e, atualmente, é presença constante na Colina do Sol. Para ele, "o movimento constitui um pequeno grupo da população que é mais sincero e que se conhece melhor".

O naturismo tem como objetivo envolver todas áreas da vida, libertando quem o pratica de couraças, defesas, preconceitos e outros "filtros" que impedem as

peças de se mostrarem como realmente são. É exatamente essa distinção que faz o empresário W.V. freqüentar a Colina do Sol todos os finais de semana. "Nem sempre fico nu aqui, mas as pessoas que normalmente vivem o naturismo, têm um outro espírito de vida, sem preconceitos", conclui. A fuga das atividades estressantes do dia-a-dia também o motivam à prática. "Tenho um cargo executivo em que eu me desgasto toda a semana e aqui eu me recupero. Venho, sem exceção, verão e inverno. Me apaixonei, pois a beleza do local se traduz num estado de espírito, que nos faz viver no meio dos pássaros, no meio da natureza, das plantas."

Regras e orientações garantem o bom convívio social

As áreas naturistas também têm regras e os infratores sofrem penas que vão da advertência, suspensão, até a expulsão. Não é permitido, por exemplo, praticar ato sexual ou obsceno em áreas públicas, agir de maneira desrespeitosa ou agressiva, nem deixar lixo no chão. A nudez não é obrigatória, a não ser na praia e para jogar esportes. "Uma mulher de topless é sensual, mas não é nosso objetivo explorar a sensualidade das pessoas. Se quiser a sensualidade, você tem a sua companheira em casa, na hora da sua intimidade", afirma Rossi.



Há muitos locais de naturismo onde é proibido o uso de bebidas alcoólicas, porém, na Colina do Sol elas são permitidas. "A gente não quer radicalismo, mas pessoas que ingerem e se passam estão arriscando serem advertidas, suspensas ou expulsas", explica. Com relação a drogas ilegais, a tolerância é zero, afirma, por estarem acompanhadas de violência. "É uma decisão de praticidade com relação à criminalidade."

Quanto aos freqüentadores homossexuais "a norma é que se comportem nas áreas públicas de acordo com seu sexo", diz Rossi,

explicando que não é bem visto ver duas mulheres ou dois homens se beijando na Colina. "O ambiente naturista é mais conservador do que o ambiente de fora, de modo geral. Eu com minha esposa, por exemplo, a gente não vai ficar rolando na areia. Na praia você vê um casal rolando na areia, aqui não, porque você não vai saber se eles estão transando. Existe mais respeito ao ambiente, preferimos não arriscar ofender alguém."

Em quase todas as áreas naturistas do Brasil, é proibida a entrada de homens solteiros em grupo. Porém, permite-se que mulheres desacompanhadas adentrem essas locais sem o menor problema. Para Celso Rossi, a norma "deve-se à cultura existente no Brasil, pois caso fosse permitida a entrada de homens desacompanhados, teríamos milhares de interessados apenas em olhar as mulheres nuas." Tal situação inibiria a presença de famílias e casais. A administradora Simone

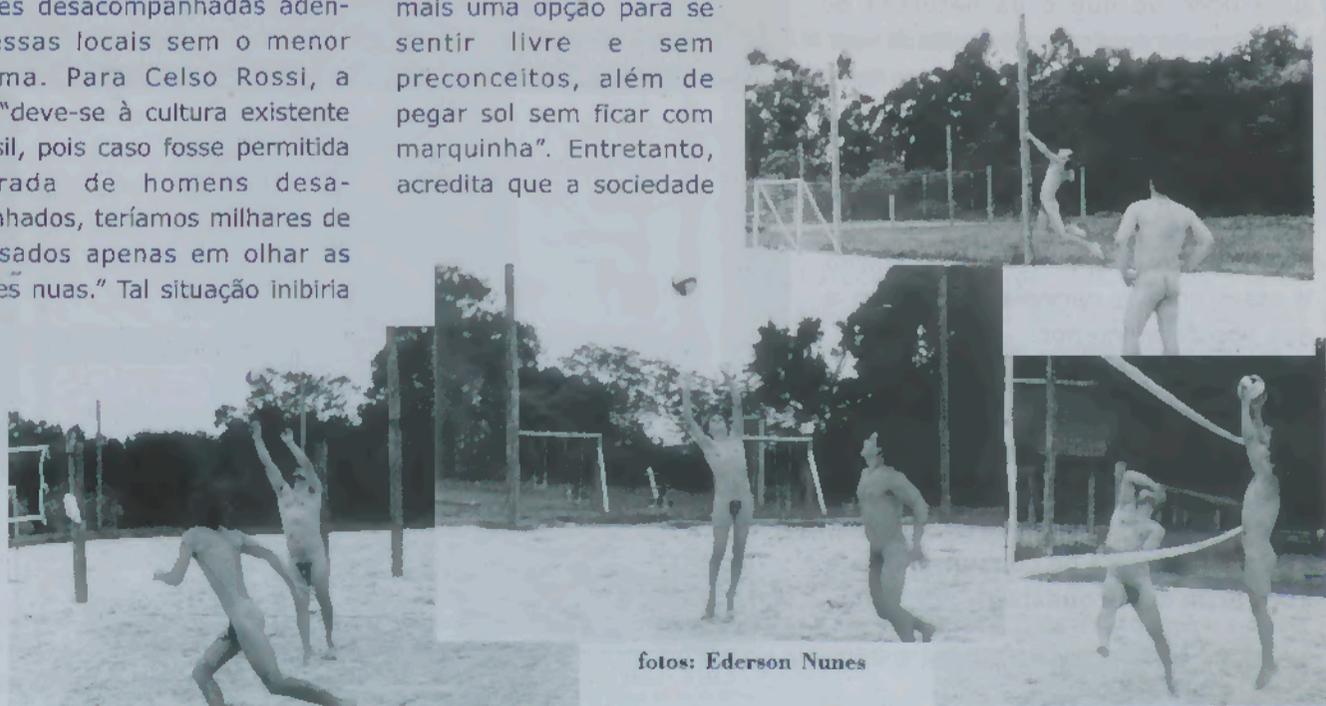


endossa a opinião de Celso. "Tem muito curioso que vem pensando que vai se dar bem, mas depois tu chega aqui e vê que não tem nada a ver, que é um local totalmente familiar", diz.

Freqüentadora eventual da Colina, Simone lembra que, em uma das primeiras visitas, foi pega de surpresa pelas rígidas regras. "Ficamos nas cabanas e, no outro dia, acordei com pouca vontade de ficar nua e coloquei biquíni. Caminhando pelo clube, todos ficaram olhando e um rapaz perguntou se eu não tinha lido as regras. Paguei o maior mico", diverte-se. Para ela, "a prática do naturismo é mais uma opção para se sentir livre e sem preconceitos, além de pegar sol sem ficar com marquinha". Entretanto, acredita que a sociedade



ainda não está pronta para aceitação total da prática. "Não é para todo mundo que eu posso contar que eu venho aqui, tem gente que vai achar que é sacanagem", opina.



fotos: Ederson Nunes

# Liberdade interior é o remédio contra a repressão

Lilian Laranja  
e Vanessa Siviero

Jornalista do *underground* fala sobre as transformações ocorridas desde os anos 60 em temas como arte, vanguarda, jornalismo e liberdade

## ENTREVISTA

**Como você vê hoje os movimentos que se dizem alternativos no Brasil?**

Nos anos 60, houve um movimento dos jovens, da minha geração, no sentido de uma libertação maior da organização do mundo tal como ela está feita. Essa organização, que naturalmente visava a uma eficiência maior da sociedade, também submeteu seus membros a normas muito rígidas, a exigências de comportamento que sufocavam os instintos criadores das pessoas. Isso é algo que continua acontecendo até hoje, mas naquela época houve um despertar de consciência para a necessidade de maior liberdade em relação a organização repressiva da sociedade. O que é importante nisso não é que houvesse hippies que andavam fantasiados, cabeludos ou que não tomavam banho. Isso tudo era apenas uma manifestação dessa necessidade de liberdade. O sistema reagiu, é da natureza do sistema a manutenção das regras rígidas e ele tentou consolidar esse domínio através das décadas. E conseguiu. *A aspiração libertária da contracultura foi domesticada e assimilada.* O que ficou de tudo isso foi uma lição de que é da natureza do sistema a repressão e de cada um, senão coletivamente - como foi a tentativa dos 60 - mas pelo menos individualmente, não se sujeitar a essas regras, pelo menos no nível da consciência, da percepção. Isso quer dizer que você, apesar de estar sujeito a essas normas opressivas, mantém a sua liberdade interior.

**Você comentou sobre a assimilação dessa cultura libertária. Durante a produção deste jornal, foi bastante discutido se o alternativo hoje não estaria servindo ao sistema, como uma forma de consumo. O que você acha desta questão?**

Eu acredito que no momento em que

A década de 60 deflagrou uma série de movimentos alternativos no mundo ocidental. Enquanto a sociedade conservadora observava com receio a concretização do comunismo, milhares de jovens defendiam a doutrina de Marx, liam as obras de Sartre e aderiam ao estilo de vida hippie. No Brasil, surgiam as manifestações artísticas do tropicalismo e a ideologia socialista, em oposição à opressão da ditadura militar. O ocultismo esotérico, o psicodelismo das drogas alucinógenas e o rock progressivo também foram marcas de uma época de ideais utópicos de liberdade e justiça social.

O jornalista e filósofo **Luiz Carlos Maciel** viveu e acompanhou estes movimentos com a paixão de quem buscava para si próprio uma nova consciência de vida. Maciel nasceu em Porto Alegre, onde começa a integrar grupos de teatro amador, como o Teatro Universitário e o Teatro de Equipe, iniciando a formação que o faria dirigir muitos espetáculos ao longo de sua carreira. No final dos anos 50 muda-se para a Bahia e lá protagoniza o segundo curta-metragem do seu grande amigo Glauber Rocha, *A Cruz na Praça*, que nunca foi exibido. Em 1967 dirige o longa-metragem *"Society em baby-doll"*, que tinha no elenco Nathalia Thimberg, Yoná Magalhães e Marieta Severo. Foi um dos fundadores do semanário *O Pasquim*, em 1969, no qual escrevia duas páginas intituladas *Underground*. Também fez parte da redação do *Jornal do Brasil* e da revista *Fatos & Fotos*. Fundou o jornal alternativo *Flor do Mal*, em 1970, e foi editor da *Rolling Stone* brasileira, em 1971. Começa a trabalhar na TV Globo em 1975, escrevendo roteiros para programas como *Globo Repórter*. Em 1996 dirige a única peça teatral escrita por Glauber Rocha: *Jango*. Entre diversos livros publicados, é autor de *"As Quatro Estações"*, *"Anos 60"*, *"Geração em Transe"*, *"Negócio Seguinte:"* e *"Nova Consciência"*. Nascido em 1938, se formou em Filosofia na Ufrgs e, atualmente, mora no Rio de Janeiro, de onde concedeu esta entrevista exclusiva ao *Jornal 3X4*.



Luiz Carlos Maciel na década de 70

vivemos tudo depende do comportamento do indivíduo. Não existem movimentos coletivos hoje que façam frente a essa manipulação do sistema. Isso depende da consciência de cada um, do crescimento interno, de cada um de nós saber em que medida está passivamente sujeito a essa manipulação, ou em que medida você, através da sua liberdade interior, consegue se manter como um ser que tem uma independência de pensar, de agir, de sentir. Isso serve para que você possa viver, na medida do possível, com autonomia e liberdade.

**Você acredita que para a geração de hoje é mais difícil conviver com essa repressão?**

Sim, porque os meios de manipulação são muito mais eficientes e muito mais sutis do que eram nos anos 60. Houve um aperfeiçoamento desses meios. Isso quer dizer que *os recursos de dominação são muito mais poderosos hoje.* Então, fica muito mais difícil haver aquela insurreição coletiva, romântica e juvenil que houve na época e tudo fica muito mais entregue à consciência individual, à percepção de cada indivíduo do que está acontecendo. No plano social coletivo, realmente a situação é muito mais grave. O grau de alienação e de sujeição ao mercado, aos valores materiais, é muito mais intenso e profundo. A contracultura, nos anos 60, foi um movimento social. Hoje, é no máximo uma espécie de psicoterapia, um tipo de limpeza psicológica.

**Dizem que os jovens de hoje não são mais como os de antigamente, pois são mais alienados e não possuem os mesmos interesses políticos. Será que os nossos jovens não são mais conformistas do que os de antigamente?**

Não, eu não acho que o que tenha mudado sejam os jovens. O que mudaram foram as condições em que eles se deparam com o mundo hoje. Era muito mais simples nos anos 60. Houve essa evolução dos meios de dominação, que se tornaram mais sutis, mais subliminares. Eu não creio que seja o fato de que houve uma geração que era mais libertária e revolucionária nos anos 60 e hoje haja uma geração mais submissa e pacifista às determinações externas. Eu acredito que essas determinações externas é que são muito mais sutis e poderosas.

**E no nível individual, você acredita que falta uma consciência mística, religiosa ou filosófica nos jovens atualmente?**

Eu acredito que o mais importante é a descoberta da liberdade interna. Ontem mesmo eu estava conversando com um rapaz jovem, que ainda não tem 30 anos, e ele estava colocando em questão esse conceito de liberdade com o qual eu trabalho e sempre falo. Ele disse que o ser humano não é livre por natureza, é condicionado primeiro biologicamente, depois socialmente, depois culturalmente. Essa visão é que leva à renúncia interna da liberdade. Assim, você acha que é tão condicionado que tem que se reduzir mesmo a uma peça na engrenagem. Deve haver a percepção de que você pode viver livremente, mesmo que esteja cercado de condicionamento por todos os lados. Procurar essa autonomia, essa independência na maneira de pensar, de agir, de fazer seus projetos. Isso eu acredito que é fundamental, é o que eu gosto de ver nos jovens e procuro, quando converso com eles, apontar nessa direção. É necessário uma postura anti-determinista, senão fica todo mundo pensando igual, fazendo as mesmas coisas. *O tal pensamento único, que de tanto se fala, acaba se estabelecendo definitivamente e a gente não tem mais seres humanos, mas sim uma manada de bovinos.*

**E será que essa utopia de liberdade, de mudar o mundo, teria morrido ou ela continua viva?**

Isso não pode morrer, pois a raiz dessa utopia é a liberdade interior. Eu não estou propondo e nem espero ainda no meu tempo de vida que a sociedade se transforme a ponto de que essa liberdade floresça e seja um fenômeno coletivo. Eu nem vejo muita perspectiva nisso nas condições do mundo atual, mas eu sei que no recesso da individualidade está lá a liberdade.

**Na década de 60 e 70 existiam uma série de valores que acompanhavam a "juventude transviada". Esses valores, por exemplo, o orientalismo, são vistos de maneira diferente atualmente. O que você pensa sobre esta deturpação?**

Esses valores foram percebidos e criados naquela época, a partir da liberdade que se procurava. Não é que a cultura oriental seja melhor do que a ocidental, mas o fato é que a cultura oriental, naquela época, estava marginalizada e era considerada um apêndice um tanto quanto desimportante na cultura planetária. Então, por um movimento de liberdade se valorizou essa cultura. O sistema, percebendo isso, passou a assimilar a descoberta e a utilizar também a cultura oriental dentro dos seus esquemas de dominação, de exploração capitalista, para fazer dinheiro. Essa cultura oriental mudou de característica, pois antes ela era uma opção de liberdade e agora ela é mais um recurso de comercialização. Agora, o que é importante não é a cultura oriental, seja ela manipulada, mas sim a liberdade das pessoas. *Se você atingir a sua liberdade, você vai encontrar alternativas para tudo sempre,* não precisando ser aquelas que foram encontradas nos anos 60. Aquelas foram as descobertas dos 60, mas você pode fazer outras.

**Marx, Sartre, Freud foram pensadores que inspiraram a geração alternativa da década de 60. Que vertentes filosóficas orientam os**

**jovens hoje?**

Não há necessidade que haja uma doutrina filosófica que oriente as pessoas. Todas as doutrinas filosóficas devem orientá-las. A filosofia não é uma ciência que defina como é a realidade, mas sim uma arte da reflexão, de pensar a realidade. *O que é maduro e fértil são as pessoas conhecerem as diferentes filosofias e com elas alimentarem a sua visão da realidade.* Então, para a minha geração, o marxismo e Sartre foram muito importantes, enquanto que para as gerações mais recentes o pensamento de Nietzsche, por exemplo, foi muito importante. Mas o que é importante na filosofia é você conhecer as suas várias manifestações, pois elas podem iluminar a sua própria reflexão.

**Você também sempre esteve ligado à área da arte, lidando com teatro por exemplo. Como vê a arte atualmente?**

O que aconteceu nos últimos tempos foi uma certa institucionalização da arte e vanguarda. Até os anos 60, por exemplo, a arte de vanguarda era revolucionária, ela confrontava o estabelecimento artístico. No entanto, começou a ser institucionalizada pelo sistema, perdendo grande parte da sua força e do seu fio, vamos dizer assim, da sua capacidade de cortar, de penetrar, de perfurar. Mas isso é um momento que nós estamos vivendo. A arte se constituiu através das diferentes experiências que fez no trato da realidade ao longo dos séculos e constitui uma tradição muito poderosa. A importância de uma arte de ponta, de vanguarda, também continua a ser grande e os artistas deverão encontrar os caminhos que possam libertar a expressão artística do controle do sistema.

**Seria mais difícil hoje produzir essas manifestações artísticas de vanguarda e independentes?**

É, hoje tudo parece mais difícil (risos), mas não precisa ser necessariamente, desde que o artista consiga uma maneira de realizar aquilo que ele faz. Eu lembrei agora de um filme brasileiro que vi há pouco tempo e que possui essa energia, que é *Amarelo Manga*, de um pernambucano (Cláudio Assis), no qual você sente um artista criando com essa liberdade interna, que eu acho que é necessário preservar.

**Será que aquilo que é alternativo não é alternativo porque não conseguiu ser assimilado pelo sistema?**

Pode ser as duas coisas. É perfeitamente possível que haja manifestações alternativas que são assim simplesmente porque os responsáveis não conseguiram se integrar no sistema, até mesmo por incompetência. Mas isso não deve obscurecer o fato de que outras manifestações alternativas são feitas por pessoas que se libertaram das cadeias do sistema.

**Quem você poderia apontar como uma grande personalidade do século 20?**

Há tantas grandes personalidades, é difícil isolar uma pessoa. Acho que a grande personalidade do século 20 foi Jean Paul Sartre.

**Você tem uma grande experiência de vida. No seu livro, Anos 60, você diz que a década de 60 foi a da vanguarda, os 70 foram os anos dos mestres e os 80 foram os anos da diluição. Como é que foi passar**



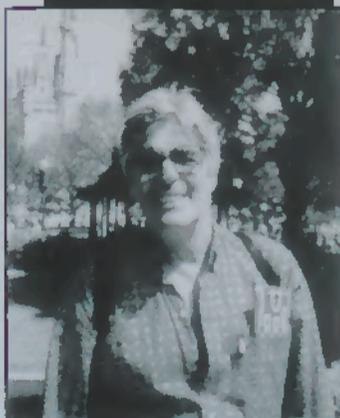
1958: Maciel (sentado, com Paulo José) ensaia no Teatro de Equipe



Maciel é preso numa manifestação estudantil, em 1966



Com o amigo João Ubaldo Ribeiro, na década de 80



Década de 90: dirigiu a única peça de Glauber Rocha

### por tudo isso? Que visão de mundo tem agora?

Eu podia continuar essa lista dizendo que os anos 90 foram o da assimilação. Diluição e finalmente assimilação. *Eu vejo uma época de profunda alienação, de grande robotização.* Eu acho que esses filmes de *science fiction*, de computadores dominando as coisas, são metáforas do que está acontecendo no nosso mundo. Por exemplo, o filme *Matrix* é uma metáfora, *somos nós próprios que estamos ficando robotizados e condicionados por um computador abstrato que nos domina.* Não é preciso haver aquele computador *Matrix* para a população toda ficar mergulhada num sono virtual sem contato com a verdadeira realidade. Acho que isto está acontecendo aqui e agora, sem precisar daquele supercomputador. O supercomputador é o próprio sistema, é a própria organização da nossa vida em comum, que faz com que os indivíduos sejam submetidos a essa alienação fundamental.

### O que estaria faltando para o mundo?

Tudo depende da expansão da consciência, que começa no nível dos indivíduos. Quanto mais indivíduos conscientes, lúcidos, com uma visão mais ampla e mais livre da realidade, então a nossa espécie têm futuro. E acho que isso vai acabar acontecendo, acho que há uma intuição fundamental, interna, secreta, da humanidade, de que *essa liberdade e expansão da consciência são necessárias para nossa própria sobrevivência.*

**Falando um pouco sobre esse fenômeno norteamericano. Será que os EUA não estão cada vez mais dominando e pressionando o resto do mundo? Será que tem volta?**

Tem que ter, volta não, mas tem que progredir. Conforme o poeta Dante, na *Divina Comédia*, *a saída do inferno está no seu centro.* Não está na periferia, não tem que voltar para trás. Tem que ir para o meio, para o fundo, e sair do inferno desta maneira. Evidentemente que os EUA hoje representam o máximo desse processo de alienação e robotização, porque são os responsáveis por liderar esse processo no mundo inteiro, através de políticas que ficam cada vez mais estúpidas, como essas do Bush. Mas esse horror não significa que seja nada definitivo. Eu acho que a liberdade interna vai nos conduzir nesse processo.

**Você sente que as pessoas já despertaram a consciência de que precisam resgatar essa liberdade interna?**

Eu acho que há pessoas que tem essa percepção, espero que seja um número cada vez maior. Nem todo mundo, felizmente, apóia as políticas do Bush, nem no próprio Estados Unidos.

**Falando um pouco sobre O Pasquim, você foi um dos fundadores desse jornal, que foi um meio de comunicação desse underground dos anos 60. Hoje em dia, o que seria O Pasquim? É um canal de comunicação independente?**

Eu acho que *há mais possibilidade de um pensamento libertário se manifestar através da internet do que através do Pasquim.* Aquele Pasquim dos 60 foi um fenômeno daquela época, o de hoje já é uma coisa enquadrada nas regras estabelecidas, que procura um certo parentesco externo com O Pasquim antigo, mas que não tem a mesma função, nem a mesma força. A internet é um espaço interessante, porque há uma grande liberdade ainda na rede, você pode fazer site de tudo quanto é tipo e

pode obter informações alternativas. Um site que eu visito sempre é o do David Icke, que é um americano que contesta as políticas oficiais norteamericanas. Ele dá versões diferentes para tudo, desde o choque dos aviões nas torres de Nova Iorque até a descoberta do Saddam Hussein num buraco lá do Iraque. E ele conta todas essas histórias de uma maneira completamente diferente e oposta ao que sai na mídia, uma coisa possibilitada graças à internet, já que essas versões dificilmente seriam levadas a sério ou publicadas na mídia oficial.

### Como foi sua experiência no Pasquim?

Eu vou resumir bem esta questão do Pasquim. Aquele Pasquim, dos anos 60, era o Pasquim editado pelo jornalista Tarso de Castro. O Tarso, na minha opinião, foi o homem responsável pelo sucesso do Pasquim. Podem dizer que foi a época, mas aconteceu que a época estava precisando de uma coisa que o Tarso soube dar para as pessoas. Então isso que é a grande diferença. Eu acho que o próprio pessoal do Pasquim, que depois brigou com o Tarso, obscurece o papel histórico que ele teve no processo desse jornal. E sempre que eu falo sobre o assunto, eu digo que não pode ser esquecido o nome do Tarso, porque quem fez o Pasquim foi o Tarso. *Depois que o Tarso morreu, fica muito difícil fazer Pasquim de novo...* Acho que isso é um resumo fiel do que aconteceu.

### Que tipo de pressões políticas vocês sofreram?

Ficamos dois meses presos na Vila Militar. Foi aberto um inquérito, que não concluiu nada, porque queriam provar coisas fantasiosas, tipo receber dinheiro de fora. Até quando eu estava preso e



**Década de 70: Maciel funda o alternativo Flor do Mal e é o editor da Rolling Stone brasileira**

respondendo inquérito, eu disse: "se O Pasquim recebeu dinheiro de fora eu vou brigar com todos eles porque não me deram um tostão dessa grana". O inquérito era um pretexto para nos intimidar. Depois o jornal entrou em censura prévia, quer dizer, as autoridades da época fizeram tudo que acharam adequado para ver se sufocavam o jornal.

### O que pensa sobre as redes de comunicação independente?

Eu acho que o melhor canal do underground hoje é a internet.

### E na imprensa tradicional, como anda a produção mais ligada a esses movimentos?

Na imprensa tradicional fica mais difícil. Eu, animado pelo jovem Maltner, tô esperando que a gente faça finalmente a revista do Maltner, que deve se chamar *Kaos*, conforme o movimento político dele. Seria editada por ele e por mim. Eu faria uma tentativa de produzir hoje uma revista realmente alternativa, para ser vendida em banca, o que não impedirá, depois, que a gente tenha nosso próprio site na internet, mas penso em fazer essa experiência. Fora disso, no momento, não vejo nada.

### Como você vê a situação do jornalismo na atualidade?

Eu acho que a providência de não exigir curso para que a pessoa possa exercer o jornalismo é muito salutar, muito bom. Quando eu comecei a trabalhar em jornalismo, não existia escola de comunicação, era jornalista quem escrevia em jornal, pronto, acabou. Eu acho isso legal. *Não é a faculdade de comunicação que vai fazer um bom jornalista.* Ele é feito mesmo na prática do jornalismo, no dia-a-dia, e muitas pessoas têm talento, mas às vezes descobrem esse talento tardiamente, ou não puderam fazer faculdade. Seria uma pena que o jornalismo perdesse essas pessoas.

Diante da insuficiência do Estado na solução dos problemas, o terceiro setor pode ser uma alternativa

por  
Lúcia Jardim

# ONGs: a sociedade quer agir

No Brasil, associa-se o terceiro setor às organizações não-governamentais (ONGs) para definir qualquer organização que seja de natureza pública não-estatal. Formadas com um objetivo de ajudar um segmento específico da sociedade, as ONGs surgem a partir da vontade

A globalização e o neoliberalismo, baseados nos princípios do livre mercado e do Estado-mínimo, são considerados pelos teóricos da ciência política como os maiores causadores da crise do Estado em centenas de sociedades no planeta, entre as quais o Brasil. O governo não tem conseguido suprir as demandas básicas da sociedade, como uma educação de qualidade, um atendimento hospitalar digno ou a diminuição da violência urbana. A burocracia e a ineficiência administrativa são apenas duas das razões apontadas pelos teóricos que explicam essa crise estatal. Diante do caos social, as privatizações dos órgãos públicos emergem como uma saída para melhorar a condição de vida da população. Entretanto, também não é função e muito menos interesse da iniciativa privada solucionar os problemas sociais, visto que a busca incessante por lucros é intrínseca à natureza das empresas privadas.

Ao confrontarmos os resultados econômicos e monetários do sistema capitalista com outros resultados sociais, como redução da pobreza e diminuição das diferenças sociais, percebemos que ainda há muito a ser feito. A pura e simples avaliação do crescimento do PNB (Produto Nacional Bruto), por exemplo, não é uma medida adequada para que se avalie corretamente o desenvolvimento social. Durante décadas, o Brasil foi considerado a 8ª economia do mundo – atualmente ocupa a 11ª posição – sem que isso, entretanto, representasse qualquer evolução na qualidade de vida de milhares de pessoas que sobrevivem em meio à miséria e que não recebem qualquer assistência digna por parte do governo.

O chamado terceiro setor aparece, então, como uma alternativa para suprir a lacuna existente entre um Estado falho e os interesses comerciais das empresas privadas.



foto: Ederson Nunes

“As ONGs não ocuparão o papel do Estado”, diz Corsetti.

política de um grupo de pessoas que não visam ao lucro em suas atividades. Essas organizações procuram exercer as tarefas sociais do Estado, atendendo aos interesses da sociedade civil com o apoio da iniciativa privada – embora muitas ONGs exerçam suas atividades por meio de subsídios do governo.

No Brasil, as primeiras ONGs nasceram nas décadas de 70 e 80, em sintonia com os propósitos dos movimentos sociais e das organizações populares de proteger os direitos individuais e fortalecer a sociedade civil – o que era feito através do controle das políticas públicas. Porém, foi a partir da década de 90 que o terceiro setor proliferou-se rapidamente por todo o país.

O professor de ciência política da Ufrgs, Eduardo Corsetti, adverte que o papel das organizações não-governamentais é fundamental para chamar atenção da sociedade para a ineficiência do Estado. “As ONGs atraem a atenção da opinião pública e acabam obrigando o Estado a agir”, afirma. Segundo Corsetti, o fato de as ONGs atenderem a camadas muito específicas da sociedade faz com que as transformações estruturais dos problemas sociais ainda dependam da ação do Estado – e, acredita o cientista político, dificilmente um dia essas tarefas deixarão de pertencer ao poder público. “No seu papel de denúncia, as ONGs desempenham muito bem a sua função, mas ainda não conseguem preencher as necessidades mais profundas da sociedade. As ONGs não ocuparão o papel do Estado.”

Cada vez mais as empresas têm se voltado para questões que envolvem o aspecto político-social e que vão além das considerações meramente econômicas. Tradicionalmente, a responsabilidade da iniciativa privada traduzia-se na busca da maximização dos lucros e da minimização de custos, e a tomada de decisões pelos administradores não costumava ser influenciada pelos aspectos sociais e políticos que influenciavam o ambiente de negócios. Nos dias de hoje, a empresa passa a ser vista como uma instituição sociopolítica, que reflete a mudança de ênfase do

econômico para o social – embora certamente os interesses de marketing da empresa prevaleçam em meio a esse interesse no social. A sociedade, por sua vez, está mais atenta ao comportamento ético das empresas, fazendo com que as suas ações sociais sejam fortemente divulgadas pelos veículos de comunicação na busca por consumidores.

Embora muitas iniciativas mostrem resultados práticos bastante satisfatórios, o fato de o terceiro setor não alterar os problemas sociais em suas raízes levanta a questão: as ONGs são ou não uma alternativa viável para atender as demandas da sociedade? Marcelo Kunrath Silva, professor no pós-graduação em Sociologia da Ufrgs, acha que não. “O terceiro setor não representa nenhuma alternativa, mas sim um paliativo. Ele não altera as dinâmicas e estruturas geradoras dos graves problemas sociais vividos por amplas parcelas da população e, neste sentido, não pode representar nenhuma alternativa no real sentido deste termo.” Marcelo acredita que para efetivar verdadeiramente a cidadania no Brasil, garantindo os direitos e deveres do conjunto de todos os cidadãos brasileiros, o Estado sempre foi e continuará sendo fundamental. “Cidadania só existe perante o Estado e não perante organizações privadas – sejam do mercado ou do terceiro setor.”

Ficar de braços cruzados certamente não é a melhor opção que a sociedade escolhe diante de tantos males sociais, muitos deles facilmente solucionáveis através de um plano bem organizado de ação. Se o Estado não vem cumprindo com o seu papel de atender às demandas de seus cidadãos – que pagam cada vez mais impostos –, e ao mesmo tempo existem milhares de pessoas que tomam para si a missão de contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa, o terceiro setor não pode ser visto como uma ameaça ao poder estatal, pois, como dizia o sociólogo Herbert de Souza, quem tem fome não pode esperar.

Bandas e músicos que estão fora dos holofotes da mídia, mas se mantêm ao longo do tempo fazendo barulho no *underground* gaúcho

# Muito além das faixas comerciais

por  
Simone Marques

"Há uma má-vontade quando tu não faz parte do meio comercial. Prefiro participar do circo do rock'n roll *underground*, ser um idiota, que participar do circo da mídia, em que tu tem que ter um comportamento assim, uma roupa assim-assim. Não tenho paciência pra isso", desabafa o músico Sérgio Tavares, 35 anos. No referido *underground* porto-alegrense, ele é respeitado e conhecido, mas para o mercado musical é incógnito. Ou, para usar uma palavra mais em voga, um músico independente. É Sérgio quem produz seus discos, distribui releases à imprensa, cola os cartazes e telefona para marcar os shows. E é exatamente esta a sua maior dificuldade: a produção, o trabalho de fazer marketing de si próprio. "Não sei me produzir, acho isso um saco", reclama ele, um fã ardoroso das bandas Television e Fellini.

A maioria dos seus shows é composta pelos chamados "tributos", para os quais convoca músicos de outras bandas independentes para homenagear monstros do rock internacional, como The Smiths, Beatles, Velvet Underground e John Lennon. Só no ano passado foram 25 apresentações em bares como Ocidente e Dr. Jekyll, quase todas com sucesso de público. Contudo, divulgar seu próprio trabalho é mais difícil: "Meu mesmo foi só um show. Um fracasso", exagera, referindo-se ao lançamento de seu disco *Várias Coisas, Uma de Cada Vez*, no segundo semestre de 2003.

A banda de um homem só - Caetano Veloso, o rock melancólico da banda inglesa The Smiths e todo o caldo da MPB foram as influências que moldaram o estilo das suas frases de guitarra. Mas foi o rock dos anos 80 que estimulou Sérgio Tavares a tocar. Ainda em Rio Grande, sua cidade natal, montou sua primeira banda, a Ars Nova. Em seguida autoproclamou-se como "a banda" Nonsense. Mudou-se para Porto Alegre em 1988, fez vestibular para jornalismo na Ufrgs, passou, frequentou dois semestres e abandonou tudo - menos a música.

Em Porto Alegre, a Nonsense passou a ter uma formação com baixo, bateria, guitarras, e ainda hoje



Ilustração de capa do CD *Várias Coisas, Uma de Cada Vez*

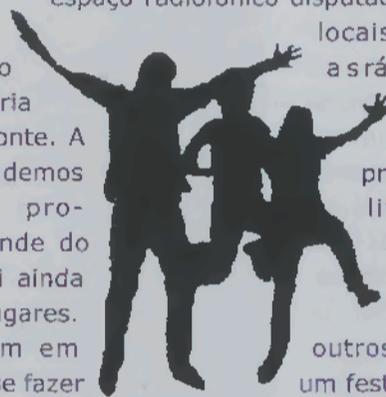
faz apresentações esporádicas. Sérgio também integra o grupo Arnaldos, que faz releituras de Mutantes, Arnaldo Baptista e Rita Lee.

Mas foi na carreira solo que desenvolveu paralelamente a partir de 1998 que emergiu seu estilo *bricolage*. Lançou o disco *O Amor é uma Droga*, repleto de baladas desiludidas. Cinco anos depois, no segundo semestre de 2003, gravou *Várias Coisas, Uma de Cada Vez*, "uma colcha" de retalhos, que reúne todas as gravações que fez desde que vim para Porto Alegre, há 15 anos", diz. É uma pena ninguém poder ouvir. O disco é um delicioso híbrido de bossa-nova, rock, sons eletrônicos e uma balada à Paul McCartney de cortar o coração. Por que as rádios não tocam? A resposta pode estar no texto a seguir.

Hipnóticos: pop *underground* - "A banda que não consegue tocar em rádio está fadada a ficar no *under*, a não aparecer." A frase é de Júlio Cascaes, vocalista e guitarrista da banda Hipnóticos. Para ele, músico

sem gravadora enfrenta hoje dificuldades que até alguns anos atrás eram quase inexistentes. "Aqui em Porto Alegre tem o espaço pago. Isso não tinha nos anos 80. Naquela época, eu lembro que o cara levava uma fitinha-cassete, os caras passavam para o cartucho e tocavam. Hoje em dia, existe uma aproximação feita por alguém de gravadora, não é mais o artista ou a banda chegar lá e dizer 'eu tô aqui com meu disquinho'. Tem uma intermediação, e nessa intermediação eu acho que rolam promoções, facilitações. E banda independente não tem essa grana", comenta.

Para ele, esse espaço radiofônico disputado a tapas seria mais folgado em outros locais do Brasil. "O que tem nos salvado são as rádios comunitárias no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. A gente tem o maior prazer em mandar as demos pra eles." Ele diz que, diante da imensa proexistente no Rio Grande do Sul, a promoção de eventos musicais aqui ainda em relação a outros lugares. Alternativos acontecem em outros Estados. Aqui não tem uma iniciativa de se fazer um festival que não seja um Planeta Atlântida", aponta.



Para ele, esse espaço radiofônico disputado a tapas seria mais folgado em outros locais do Brasil. "O que tem nos salvado são as rádios comunitárias no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. A gente tem o maior prazer em mandar as demos pra eles." Ele diz que, diante da imensa proexistente no Rio Grande do Sul, a promoção de eventos musicais aqui ainda em relação a outros lugares. Alternativos acontecem em outros Estados. Aqui não tem uma iniciativa de se fazer um festival que não seja um Planeta Atlântida", aponta.

A banda Hipnóticos surgiu em 1999, após os shows de divulgação do disco *A Sétima Efervescência*, de Júpiter Maçã (Flávio Basso, hoje Júpiter Apple), com quem Júlio tocava há cerca de um ano. "O Júpiter foi uma influência grande para nós", reconhece. Os Hipnóticos produziram três discos: *Garage Laboratório* (2000); *Ouçã a Minha Música* (2001) e *Tomado*, que deve sair ainda este ano. As primeiras músicas emanavam letras em português, com influências evidentes da Jovem Guarda. Depois, a banda foi se modificando. "Depois fomos descambiando para o garage rock das bandas do início dos anos 60. E agora segue nessa linha."

Ele diz que ser *underground* é diferente de fazer música deste tipo. "Não fazemos música *underground*. A gente faz música pop, como o Wander (Wildner), que faz uma coisa bem popular, mas é *under*. Ele não toca na Cidade (rádio FM), os cliques dele não passam na MTV, e isso torna o cara meio de lado."

Perante a mídia surda, Júlio dá de ombros: ao invés do holofote, busca apenas tocar. "Eu gostaria de ter um reconhecimento do meu trabalho, mas não me sinto frustrado por causa disso. Já toquei em várias bandas em que não aconteceu absolutamente nada. Se eu me frustrasse, ia trabalhar numa farmácia", garante.

She's OK: punk, erotismo, violino e bossa-nova - A She's OK é uma banda de pop punk rock que está na cena porto-alegrense desde 1998. Suas influências remetem a Elástica, Stereo Lab, Le Tigre e Breeders. A pegada é mais leve que o punk rock tradicional e pode até mesmo levar a baladas em francês com um pouco de erotismo, toques de violino e bossa-nova. A banda é formada pela artista plástica Cláudia Barbisan no vocal, o programador Heron Heinz (que toca também nos Replicantes) no baixo, o historiador Eduardo Kersting na guitarra, Murilo Biff nas distorções e Rafael Heck (que se desdobra também entre a Alcalóides e Os Torto) na bateria. A turma já lançou dois CD's demo e está prestes a gravar o primeiro disco.

Para a vocalista Claudia Barbisan, rock alternativo "é a proposta de algumas bandas que não tocam músicas em rádios comerciais, produzem e lançam CD's independentes". Mas que diabos quer dizer que uma banda é independente? Independente do quê? O rock não é feito à revelia do sistema capitalista, ao contrário: nasceu nas suas costas, espancando-as, mas também se alimentando de seu sangue e vice-versa.

"Não se enganem: isso que vocês (jornalistas) querem dizer com

alternativo é apenas um rótulo." Eduardo Kersting vê o mundo da mídia com olhos críticos de historiador. Segundo ele, nos anos 70 fazia sentido ser "alternativo" no Brasil porque existia uma conjuntura que tolhia a liberdade de expressão e era preciso driblá-la para se fazer algo diferente, seja na música, na imprensa ou na literatura. O rótulo "alternativo" utilizado hoje em larga escala teria se originado nesta época, ligado à rebeldia da juventude *flower power*.

Para Eduardo, "o capitalismo é uma regra válida para toda a sociedade: se um produtor vê que uma bandinha tem um punhado maior de fãs, já se ajeita pra tirar um troco. Mesmo se essa banda for feita pra chutar a bunda do sistema, ela vai crescendo nos moldes do que o produtor acha que é o mais legal, ou seja, as regras do capital". Desta forma, o capitalismo se renova a cada instante, é um sistema autofágico e é exatamente isso que faz com que prossiga existindo. Um universo dobrado sobre a própria barriga, cujos dentes estão ali cravados, deglutindo a tudo com apetite pantagruélico.

Este sistema não estaria acima de nossas cabeças, tal um deus inatingível. Fazemos parte dele, conformistas ou inconformados, estamos todos em sua barriga alimentando-nos e alimentando-o. Assim, se surge um movimento artístico underground, logo o sistema se encarrega de assimilá-lo, para transformá-lo em produto cultural de massa.

O idioma próprio de Plato Divorak - A excentricidade é sinônimo de Plato Divorak, um símbolo da cena musical outsider de Porto Alegre. Está em atividade desde 1985, quando começaram os ensaios com bandas como O.F.F., Valentine Ray-o-Vac & os Asteróides Anabolizantes e Juvenile Delinquent. Esta última foi o embrião da Père Lachaise, que surgiu em 1988.

Apesar de habitante do submundo artístico, ele garante que não tem dificuldade nenhuma com a divulgação de seu trabalho. "Acho que sou bem-acompanhado neste sentido", afirma, acrescentando que já teve até assessora de imprensa (Dedé Ribeiro). Além disso, Plato não fica esperando a manga cair: "Eu já sei como funcionam as coisas. Hoje em dia, se eu colocar um cartaz na Toca do Disco (loja que vende seus CD's), isso vai chamar muito mais a atenção que se eu colocar cartazes por toda a cidade. Vai ficar uma coisa muito mais concentrada, dirigida, sem frescura".

Ele não define o termo "alternativo", mas pinça exemplos da cena roqueira atual e aponta um caminho para aqueles que estão produzindo suas primeiras notas na penumbra da ribalta. "São muitas ramificações, muitos artistas ainda sem prestígio, buscando de alguma forma emplacar o seu hit inicial. Acho que tem que ser assim no começo, fazer a coisa bem bonitinha, só para tocar nas rádios."

Plato Divorak, uma encarnação lendária que influenciou boa parte das bandas gaúchas, tem um idioma próprio, o divoraquês. Talvez por isso suas canções misturem pop e letras enigmáticas. "Tem muitas influências de rock mod e Jovem Guarda. É uma mistura de pop e vanguarda com colagens e protuberâncias. Mas não é só alternativo. Quem tá escutando, de repente ouve o som de um cuattro, uma espécie de bandolim venezuelano, e uma colagem de orquestra de trás para diante", esmiúça.

Suas "agrupações", como define as bandas que integrou, começaram em 1985. Uma das mais conhecidas foi a Père Lachaise, por onde passaram Frank Jorge e Edu-

ardo Christ, entre outros guitarristas. Em 1991, o grupo gravou duas músicas para uma coletânea (vinil) chamada Assim na Terra como no Céu, que reunia várias bandas gaúchas. "A gente fazia um som único", lembra Plato. A Lovecraft talvez tenha sido a mais pop de suas agrupações (1995-1996), conseguindo inclusive espaço nas rádios. Em 2001, Plato produziu seu primeiro CD solo, Platossaurus Erectus. No ano passado, lançou outro disco, Jazzypunxaquariuslab, composto por misturas jazzísticas e citações tropicalistas.

Alcalóides - punkadaria até a medula - A música tem batidas aceleradas e pesadas: hardcore e punk. As influências chegam do jazz, passam pelo ska e vão até o reggae. "A gente faz muitas pesquisas para descobrir acordes novos e mesclar na nossa música, para não ficar igual a todo mundo, ter um estilo bem definido e ser popular de alguma maneira", justifica o guitarrista dos Alcalóides, Gustavo Herscovitz, que divide os vocais com Julia Barth. A banda se completa com Rafael Heck (bateria), Eduardo Vargas (baixo) e Ramiro Calheiros (guitarra). São objetivos: querem fazer parte do *mainstream*, caso tenham tã chance.

Para Julia, "underground é não fazer parte do esquema, do circuito. Mas todo mundo quer fazer parte do circuito. Por outro lado, é legal ser autêntico, porque na hora que tu começa a fazer parte do esquema sempre começa a rolar uma coisa de se modificar. Acho que ser alternativo é a gente fazer o que quer".

A banda existe desde 1998. Participou da coletânea Sons e Tons (2000), lançada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e tem duas músicas no CD Garagem Hermética Punk Hits (2002). O fato de ainda estar fora do circuito comercial não desanima o grupo: há planos para lançar um CD independente este ano.

É difícil ouvir os Alcalóides, assim como a qualquer outro músico independente, se você não vai a um show da banda.

Atualmente, as rádios dificilmente tocam fita demo ou CD deixados por uma banda sem gravadora para divulgação.

Isso acontece mesmo nas rádios que se auto-intitulam "alternativas". Há controvérsias, não há provas. Mas, à boca pequena, fala-se muito em jabá. "É difícil", reconhece Rafael. "As rádios que costumavam abrir suas portas não estão mais abrindo".

"A música até rola uma vez, quando tu vai lá dar entrevista", corrige Gustavo, um otimista.

Julia diz que o espaço dedicado a este tipo de som deveria ser mais explorado. "Eu acho que deveria ter um programa nas rádios voltado para as bandas, para as novidades daqui. Falta esse espaço."

Os Alcalóides gostariam de poder viver da música. "O problema é continuar fazendo o que a gente faz e chegar no *mainstream*", desanima-se Rafael. E se hoje um executivo de uma grande gravadora chegasse para o grupo e propusesse assinar um contrato comercial, especificando que tipo de som teriam de fazer? É claro, os Alcalóides aceitariam. A desculpa de Julia parece boa. "Algumas bandas grandes fazem vários discos ruins, e depois conseguem juntar uma grana e se lançam independentemente, podem mandar essa coisa toda à merda. Tem que saber usar o sistema".



foto: divulgação



# ARTE pela ARTE

## ou pelo consumo?

por  
Aline Buaes

O amadurecimento da arte no Brasil, infelizmente, ainda depende da boa vontade dos nossos governantes



“Nós somos profissionais e temos que ter uma cultura alternativa voltada para empresas e shopping centers, porque a nossa cultura básica não serve pra consumo.” A afirmação vem de umas das mais respeitadas coreógrafas de dança do Brasil. Passando atualmente por um difícil momento de sobrevivência cultural, a diretora de uma das companhias de dança contemporânea mais consolidada do Rio Grande do Sul denuncia a atual situação de descaso do governo estadual com as artes cênicas.

A bailarina e coreógrafa gaúcha Jussara Miranda é fundadora e diretora da companhia de dança contemporânea Muovere, com sede em Porto Alegre. Com 15 anos de experiência à frente de um grupo de dança, ela é também uma das principais articuladoras do projeto de consolidação de grupos de dança junto ao governo estadual, que prevê uma manutenção temporária de alguns grupos selecionados. Mas, como ela afirma, “esse projeto já está nas mãos de secretários de cultura desde 1986, e nós estamos lutando por isso até hoje. A cada gestão que muda o projeto vai para a última gaveta e começa todo o processo de novo.”

Como coordenadora de uma companhia de dança com muitos ex-bailarinos espalhados pelo Brasil e pelo exterior, Jussara acredita na manutenção de uma companhia de dança como a única forma de amadurecimento de um trabalho, de crescimento em direção ao profissionalismo. Segundo ela, uma política cultural de manutenção serviria justamente como alavanca para uma produção mais séria e comprometida, com um crescimento profissional garantido. O projeto RioArte de Subvenção à Companhias de Dança, da prefeitura do Rio de Janeiro, é um ótimo exemplo de uma política pública no Brasil que está recebendo elogios da classe artística. Através desse programa, 13 companhias recebem um apoio anual, garantindo assim uma continuidade do trabalho de seus coreógrafos e bailarinos, além de um amadurecimento técnico.

O principal problema decorrente da falta de uma política cultural mais séria no Rio Grande do Sul, segundo Jussara é a evasão. “Todos os bons artistas gaúchos estão indo embora.” A dificuldade para sobreviver enquanto profissional da dança obriga os bailarinos a trabalharem para pagar os seus horários de treinamento. Ela nos relata que, apenas neste último ano, a sua companhia perdeu duas bailarinas para grupos de outros Estados, além de outros que foram embora para o exterior. “Nós formamos artistas para eles participarem de outras companhias brasileiras, nós temos artistas no Grupo Corpo, no Grupo Quasar, no exterior...O que precisa mais para dizer que nossos bailarinos são bons; que a gente pode?”

Suas reclamações não são infundadas, e não é à toa que ela afirma que não existe um convênio de responsabilidade entre artistas e dirigentes no Rio Grande do Sul. Em 2002, a sua companhia foi vencedora do Prêmio de Incentivo à Produção Cultural do Instituto de Artes Cênicas do Estado. O prêmio previa a quantia de R\$ 23 mil para a produção de um espetáculo com circulação pelo interior. Até hoje a companhia não recebeu o pagamento. “Quer dizer, a gente apresentou o produto e não recebeu! Eu, Jussara Miranda, vendi meu carro para pagar as despesas do espetáculo!”

A situação do Rio Grande do Sul na área privada também não é das melhores para a obtenção de patrocínios. A maioria das grandes empresas passa por dificuldades financeiras e, além disso, os escritórios estão centralizados em sua maioria no sudeste do país, o que dificulta muito a obtenção de um patrocínio aqui no sul.

Nesse momento de grandes dificuldades e transformações no consumo da arte, companhias de dança como a Muovere acabam por entrar na área comercial. “A gente tem esquetes prontas para empresas, agências, que a gente leva para supermercados, shopping centers, que seria assim a nossa ‘cultura alternativa’”. Nessas transformações, não apenas do consumo da arte, mas da sociedade como um todo, não raro as relações sociais estão se invertendo. A cultura popular vira pop, e aquela cultura chamada “erudita” se populariza como forma de sobrevivência financeira, antes de ser mastigada pela sociedade capitalista. Como já previa Walter Benjamin, ainda não conseguimos escapar dessa reprodutibilidade técnica imposta pelo sistema econômico. A necessidade de políticas culturais mais sérias no Brasil como um todo é uma aspiração da classe artística há muito tempo, para não dizer desde sempre. O desenvolvimento da arte depende de políticas duradouras, que permitam, como nos disse Jussara, um amadurecimento do processo de trabalho. Sendo uma artista engajada que sabe lutar pelo seu espaço, ela afirma resumidamente a situação atual da arte no Brasil: “falta dar à arte o que é da arte, não porque ela merece, mas porque é dela por constatação”.

fotos: Aline Buaes



## A arte de Jussara Miranda

fotos: Alina Barros



Em 1989, em Cruz Alta, foi fundada juridicamente a Companhia de Dança, do latim movimento, pela então bailarina e coreógrafa Jussara Miranda. Ela iniciou trabalhando com adolescentes uma estética de trabalho, que somente em 1993 foi tomando formas de uma estética conhecida como "dança contemporânea". "Eu comecei na realidade com a minha diversidade. Em 1993 que foi se abrindo esse céu para mim: comecei a enxergar as coisas, a definir essa minha estética de trabalho, a compreender o que eu estava fazendo, porque até então eu estava no âmbito das intuições - acho que assim como qualquer outro artista no início da sua carreira."

Com uma formação voltada na busca dos seus interesses pessoais, ela sempre foi uma artista que procurou os mestres, as escolas, os trabalhos que a interessavam, progredindo sua relação com o universo da dança, "não só no local, dentro da minha sala de aula, Porto Alegre, mas no Brasil, e no exterior".

Passou pela Culberg School nos Estados Unidos, Volkwang School em Essen (escola dirigida por Pina Bausch, uma das fundadoras do teatro-dança nos anos 70) e Bremer Ballet em Bremen, ambos na Alemanha, Escola Rudra-Bejart na Suíça, Companhias Netherlands e Scarpino na Holanda, além do Ballet de Barcelona. Suas relações com a Alemanha, berço do teatro-dança, ou dança contemporânea, aumentam a cada ano. Em

1996, dois bailarinos seus foram para lá através de bolsas de estudos obtidas por uma coreografia da própria Jussara, e hoje eles dançam em duas importantes companhias de dança alemãs. Também outros ex-bailarinos seus já foram e continuam indo para escolas e companhias de dança na Alemanha. Através dessas visitas mais frequentes nesses países, Jussara buscou um entendimento dos processos, das didáticas de trabalho dessas companhias, dos modos de compreensão da personalidade do artista dentro da dança.

Também no Brasil, foi procurando mostrar o seu trabalho e conhecer outros. Multipremiada nos Festivais de Dança de Joinville, levou a companhia para Buenos Aires, através do Porto Alegre em Cena, para o Centro Cultural de São Paulo, onde dançaram por quatro anos consecutivos a convite,



e nos últimos dois anos participou como convidada do I e II Ateliê para Coreógrafos Brasileiros, em Salvador, Bahia. Sempre aumentando e ampliando suas relações com outros coreógrafos, outros mestres. "E assim é o meu percurso, vai daqui pra lá, e de lá pra cá."



# E logo ã noite vem

por  
**Ederson Nunes**

**N**ão, ele não é depressivo. Não, ele não é doente terminal. Também não é um excluído da sociedade e, principalmente, não é maluco. Ele só quer assegurar um direito. O direito de decidir a hora da própria morte. Talvez não seja desprezível; talvez suas opiniões sejam as mais racionais que alguém pode ter. "A vida vale muito. Mas não para sempre, nem para todos."

Ele tem 29 anos. Solteiro, acabou um namoro de dois anos há pouco mais de sete meses. Mora sozinho no centro de Cachoeirinha, é gerente-adjunto de uma conhecida rede de lojas da região metropolitana. Trabalha 8, às vezes 10 horas por dia, ganha um bom salário, tem amigos, é saudável, possui carro e casa próprios. Ele é igual a tantos, mas é diferente: ele quer se suicidar. Não agora, talvez daqui a alguns anos. "Viver é maravilhoso. Adoro trabalhar, conversar, transar, escutar música, viajar, estar com minha família. Mas chega uma hora em que a vida se torna um peso, um fardo que já não podemos carregar. Por que fingir que isso não existe? Por que continuar vivendo sem motivos, só por viver? Mesmo que não seja bom, viver, viver, viver! É hipocrisia. Não acho que ficar sofrendo seja uma boa razão para se ficar vivo. Tem gente que tem uma vida deplorável, largada em asilos, infeliz, perdida pelos cantos, reclamando de tudo, mas não faz outra coisa

## Uma pessoa tem a alternativa de morrer? Isso é um direito ou uma transgressão?

além de querer viver, se realmente vale a pena? guntarmos se viver vale preender com a res-

Seu nome verda- ("pode não ser útil para gostaria de ser chamado ao pai que faleceu há 15 pela mãe professora

Alegre, Ricardo diz que começou a pensar em suicídio após cair da escada de seu prédio, quando tinha 17 anos. "Quebrei uma perna e os dois braços. Fiquei quase três meses em cima da cama. Daí a gente começa a refletir sobre coisas importantes, o que não acontece no dia a dia. Comecei a pensar sobre o valor da vida, sobre se eu gostaria de ficar vivendo daquele jeito se fosse algo irreversível e notei a nossa fragilidade. Percebi o apego exagerado que as pessoas têm à vida. Essa obsessão de viver. Um desespero em ficar vivo, sendo que se pode morrer no próximo passo. Não tem cabimento."



possível para sempre. Isso Se realmente nos per- a pena, podemos nos sur- posta."

deiro ele não quer revelar mim agora"), mas diz que de Ricardo, em homenagem anos. Criado desde então num bairro nobre de Porto



Ricardo nunca chegou a tentar suicídio, mas criou a certeza de que se suicidará assim que não tiver mais coisas boas na vida. "Não quero ser uma pessoa infeliz, fingindo que a vida é bonita pra me esconder da morte. Nada pior do que alguém quase morrendo que se apega à vida até o final. Não falo em relação à pessoa em si, porque a vida é dela e ela se agarra ou não como quiser, mas torna tudo pior à sua volta. Vai acabando com a família. É triste e é patético."

Quanto à família, Ricardo concorda que seja a parte delicada do problema. "Um suicídio é, à primeira vista, um ato egoísta e solitário. Mas não precisa ser. Eu compartilho minhas opiniões com minha família e todos me respeitam. No começo não foi assim, mas viram que podem confiar em mim. Confiar é muito importante. Se eu tivesse uma doença terrível que me consumisse, eu me mataria quando não tivesse mais como reverter o quadro. Mas nada de sangue nas paredes e bilhetes deprimidos. Apoio é fundamental."

Pensando nisso, Ricardo tem um projeto futuro: a Fundação. Algo como a Hemlock Society, uma sociedade norte-americana que dá assistência às famílias que decidem praticar eutanásia ou suicídio assistido. "A Hemlock faz um trabalho muito sério, com assistência médica, psicológica e jurídica a doentes incuráveis. Eles protegem o direito que todos têm: o direito de morrer com dignidade. Não é um açougue, matadouro. A pessoa não entra lá e sai morta num caixão. Cada caso é um caso a ser analisado e ajudado." Ricardo sabe das enormes dificuldades que a Hemlock teve para surgir e se firmar, e diz estar disposto a enfrentar. "Venho juntando dinheiro há anos, talvez já em 2004 eu possa dar passos mais firmes. Não será fácil, principalmente pelo desrespeito para com o direito de viver



ou não. Se eu vivo, posso dizer a hora em que eu não quero mais. Estou tão errado assim? Só quero fazer com que as pessoas possam escolher, não vou fazer campanhas a favor do suicídio.



Seqüência inicial do filme *As Horas*: o suicídio de Virginia Woolf

Só acho que há muito sofrimento desnecessário por aí. Um suicídio às vezes pode ajudar todo mundo. Ou não. Por isso uma assistência nessa área, sem preconceitos, sem fazer as pessoas se sentirem obrigadas a viver, é tão importante."

Em 2002, influenciado pela namorada, que não aceitava suas opiniões, Ricardo procurou um psiquiatra. "No começo era bom, como deve ser para qualquer um, poder falar sobre tudo. Mas depois fui percebendo o mecanismo de se importar comigo porque estava no meu horário. Ele, como todos, dava maior importância à vida do que a mim. Não importa quanto minha vida for baixa, é melhor eu viver. Cheguei a tomar uns medicamentos, mas não consegui ver a vida cor-de-rosa. Acredito que, como escreveu Erico Veríssimo, 'A vida é um dia de verão e logo a noite vem', não quero fingir que é sempre uma tarde ensolarada."

Como todo especialista, o psiquiatra via Ricardo como um *freak*, uma anomalia, uma disfunção. "Mesmo que eu dissesse da minha decisão racional de querer decidir a hora da minha morte, ele sempre achava que eu não podia estar pensando aquilo, eu deveria estar deprimido, alguma coisa devia ter acontecido na minha infância."

As religiões tratam o suicídio como um pecado horrendo, uma ofensa a Deus, um desaforo, algumas vezes pior do que um assassinato. A pessoa que se suicida rejeitaria esse presente tão lindo do Senhor (a vida), por não suportar as provas e expiações que nos fazem progredir ou ir para o céu. Seria, então, o suicídio um ato de covardia? "Acho que depende. Tem gente que se mata por medo, até por medo da morte. Ou tem aqueles que se matam por não ter peito para enfrentar um problema que se apresenta. Não acho que se deva fugir de nossos problemas e responsabilidades. O medo não é um bom conselheiro. Tem que haver muito raciocínio antes de se tomar uma decisão dessas, que não tem volta."

Um exemplo talvez possa ser citado. Era março de 1941 quando a escritora inglesa Virginia Woolf, aos 59



anos, encheu de pedras os bolsos de seu casaco e se atirou no Rio Ouse. Virginia sofria de fortes dores de cabeça, que a impediam de ter uma vida normal. Por causa do sofrimento chegava a ficar semanas enclausurada em seu quarto, tinha delírios, sentia-se culpada por atrapalhar a vida do marido e também por não ser livre para trabalhar quando quisesse. Para não sofrer mais e não fazer seus familiares sofrerem, jogou-se ao rio. No bilhete que deixou para o companheiro, ela escreveu: "Eu não posso mais lutar. Tudo se foi,

exceto a certeza de sua bondade. Não vou continuar roubando sua vida. Não acho que duas pessoas possam ser mais felizes do que nós fomos. V." Até hoje dizem que ela se suicidou num ataque de insanidade.

# Suicídio:

O homem, suas diferenças e alternativas

por  
Maria Karina Ferraretto

Existem dezenas de formas de matar a si mesmo. Um extremista religioso que explode o próprio corpo em nome de sua fé, um soldado *kanikaze* que morre pela honra do imperador ou um fumante inveterado aceleram a própria morte por razões individuais diferentes. O suicídio, o ato de tirar a própria vida, pode ser visualizado com vários olhares: religioso, moral, sociológico, psicológico, psiquiátrico, antropológico etc. Conforme determinado ponto de vista esta ação será condenável ou não.

Diversos fatores contribuem para que uma pessoa pense em suicídio. A grande maioria das pessoas pensa em suicídio pelo menos uma vez na vida. Situações extremas como desemprego, perda de alguém próximo, fome, miséria, ou uma doença terminal aumentam o número de pessoas que pensam em terminar com a própria vida. Geralmente, são situações limite em que a pessoa não visualiza outra alternativa. Desigualdades sociais estão entre as principais causas do suicídio. Porém, as razões podem ser muitas; é difícil identificar uma única causa.

Um mal-entendido fez com que Marco Antônio se suicidasse por acreditar que Cleópatra havia feito o mesmo. Meses depois, Cleópatra, sozinha, presa por Júlio César e com seu império destruído, deixa-se picar por uma serpente e morre.



A Morte de Cleópatra,  
pintura de Mazzoni Sebastiani

Uma depressão forte, marcada pela dependência ao álcool e ao cigarro e por uma impotência sexual fez com que o escritor americano Ernest Hemingway desse um tiro em sua própria cabeça com o rifle que usava para caçar. O suicídio de Hemingway, em 2 de julho de 1961, na casa em Ketchum, Idaho, foi a repetição da morte de seu pai - morte que foi imitada anos depois por sua irmã e em 1997 por sua neta. Durante os 22 anos em que viveu em Cuba, o escritor fez brincadeiras que sugeriam o que aconteceria, mas somente quando voltou para sua cidade natal Ernest Hemingway finalizou a própria vida. Este é apenas um exemplo de como o suicídio pode marcar a existência de muitas pessoas.

O escritor Gabriel Garcia Márquez, escreveu em uma crônica no dia da morte de Ernest Hemingway: "Hemingway não parecia pertencer à raça dos homens que se suicidam. Nos seus contos e romances, o suicídio era uma covardia e seus personagens eram heróicos apenas em função de sua temeridade e vigor físico. Seu destino, de certo modo, foi o dos seus heróis...".

Há também quem prefira escolher a data de sua própria morte para ter controle sobre o próprio destino. O escritor Jorge Luis Borges anunciou no conto intitulado Veinticinco de agosto, 1983 a data de sua morte. Questionado por não ter cumprido a promessa de morrer na data marcada, anos depois, Borges respondeu de forma curta e direta: "Foi por covardia".

Ao contrário do que se pode imaginar, a grande maioria dos suicídios não estão ligados à morte, mas à vida. Faz parte do ser humano idealizar qual será a reação das outras pessoas à sua morte. Daí saem as ameaças de suicídio por vingança, ou para provocar grandes reações nos outros. A morte geralmente está associada a uma nova vida, ou à transcendência para uma posição melhor. Um exemplo é a carta testamento de Getúlio Vargas, com a célebre frase "Saio da vida para entrar para a História". Mesmo com a morte, de certo modo continuaria vivendo, e a morte de Getúlio mudou os rumos da História do país.

O suicídio pode ser provocado pela falta de alternativas para problemas de ordem psicológica ou material não identificados e provocados por inúmeros fatores. Cada pessoa terá um motivo individual que poderá fazer com que ela pense em acabar com a própria vida. Uma forma de evitar o suicídio é ajudar a pessoa encontrar alternativas para solucionar o problema, que ela sozinha não conseguirá ver. Entretanto, deve-se levar em consideração o direito ao suicídio, ao fator determinante de cada pessoa poder escolher sobre seu futuro.

por  
**Jeanne da Luz  
e Ticiane Giehl**

A prevenção é o caminho indicado pelas terapias alternativas para manter corpo, mente e espírito saudáveis.

**A**s terapias alternativas oferecem a cura para muitos males que a medicina tradicional não é capaz de resolver. Acupuntura, Iridologia e Reike são exemplos de tratamentos holísticos, que vêm conquistando a cada dia novos adeptos no mundo inteiro. Através da prevenção, buscam corpo, alma e mente saudáveis, e se apresentam como um complemento da terapia tradicional e não uma opção a ela.

#### Acupuntura – Pontos que curam

A acupuntura – estímulo de pontos na superfície da pele por meio de agulhas -, está deixando de ser uma técnica cercada de questionamentos para se tornar uma prática cada vez mais freqüente nos consultórios. Se ainda é vista com reserva por alguns profissionais, entre o público tem seguido o caminho inverso. E não é por menos: a promessa é combater problemas de saúde de modo natural e diminuir a intensidade de dores.

Os princípios básicos da acupuntura surgiram da observação e do instinto do homem chinês há mais de cinco mil anos. A primeira reação do homem ao se machucar é massagear o local afetado. Instintivamente, deduziram os chineses, o homem estava tentando energizar ou sedar o lugar machucado. O que os chineses fizeram a partir daí, foi especializar e instrumentalizar aquele simples gesto instintivo. Criaram instrumentos que se assemelhavam a agulhas rústicas, inicialmente feitos de lascas de argila, depois de ossos e de pau. Por volta do século 7 a.C., a acupuntura passou a ser realizada com instrumentos de metal - ouro, prata, latão e ferro -, precursores das atuais agulhas de aço inoxidável. Depois, os conhecimentos e as práticas terapêuticas da acupuntura foram sendo sistematizados.

Para a medicina chinesa, há um fator que integra todas as funções do corpo, chamado de QI, e quando existem obstáculos à circulação deste QI aparecem a doença e a dor. Através do estímulo dos pontos de acupuntura, é possível regularizar o QI, equilibrando o organismo e restabelecendo a saúde. Os pontos de acupuntura do corpo humano são agrupados e divididos em 12 canais ou meridianos principais e outros secundários. Se existe algum desequilíbrio ou disfunção no corpo, essas se refletem em dores nos pontos correspondentes nesses meridianos.

Segundo a médica acupunturista

# De corpo e alma

Jeanne Ming Chao, o que leva o paciente à acupuntura, na maioria das vezes, são as dores e os distúrbios emocionais. Geralmente, são os pacientes que já passaram por muitos médicos e não tiveram alívio de seu sofrimento pela medicina alopática, ou aqueles que não podem fazer uso de analgésicos. "Alguns apresentam sintomas bizarros, que a medicina ocidental não trata, mas que, muitas vezes, são alterações energéticas", afirma a especialista.

A prá-  
O Conselho  
praticar com  
em 1995. Tal  
saúde, como  
que deve ser  
um método  
perigosos,

A acu-  
por isso é mui-  
sistema imu-  
doenças co-  
necológicas,

A dura-  
paciente, con-  
pontos e a  
Depois de

tica da acupuntura tem gerado discussões entre classes e entidades médicas. Federal de Medicina (CFM), com o objetivo de reivindicar para si o direito de exclusividade esse método, reconheceu a acupuntura como prática médica decisão tenta impedir o exercício da acupuntura por outros profissionais de fisioterapeutas. Segundo Jeanne, a acupuntura é um recurso terapêutico praticado por especialista da área, porque o procedimento não deixa de ser invasivo. "Há registros de acidentes fatais por inserção de agulhas em locais como perfuração de pericárdio ou pneu-motórax", alerta.

puntura é cientificamente reconhecida por suas propriedades analgésicas e to utilizada para atenuar processos dolorosos. A técnica também estimula o nológico combatendo infecções e auxiliando no tratamento de inúmeras mo obesidade, asma, bronquite, alergias, úlceras, gastrites, distúrbios gi-neurológicos e de natureza emocional, entre outros.

ção do tratamento depende da gravidade do problema. O médico examina o versa com ele e elabora o diagnóstico, para só então iniciar a prescrição dos inserção das agulhas, que permanecem no corpo por cerca de 20 a 30 minutos. retiradas as agulhas, o paciente pode realizar suas atividades normalmente. Nos casos de dor aguda, o tratamento pode levar de uma a sete sessões, em média. Quando há dor com lesões anatômicas e crônicas, pode chegar entre 20 a 30 sessões.

As principais vantagens da acupuntura em relação à medicina ocidental é a ausência de efeitos colaterais, o custo baixo e o bem estar em geral. É uma prática que não visa apenas a um sintoma, mas trabalha também a energia como um todo e o estado emocional do paciente, pois o estímulo das agulhas leva à secreção de neurotransmissores (substâncias químicas presentes nas terminações nervosas que regulam as funções neuroendócrinas).

#### Iridologia – Os olhos são as janelas da alma

Para os adeptos da iridologia, toda a constituição orgânica de uma pessoa, assim como seu comportamento e aspecto emocional, estão registrados na parte colorida do olho: a íris. O tratamento surgiu na Hungria do início do século 19, onde um menino chamado Ygnatz Peczely quebrou a pata de uma coruja tentando defender-se dela. No exato instante do ferimento, Ygnatz percebeu um traço negro na íris do animal, que foi desapa-



Foto: Ederson Nunes

recendo à medida em que ele ia se curando. Formado em medicina anos mais tarde, Von Peczely se dedicou ao estudo do diagnóstico através dos olhos.

Rosemari Shwart é enfermeira pós-graduada em iridologia há três anos. Segundo ela, é possível avaliar as condições tanto físicas quanto emocionais na íris porque ela é um microssistema ligado diretamente ao cérebro. Cada parte da íris representa um órgão do corpo ou uma emoção. Para examiná-las são utilizadas lentes de aumento e mapas iridológicos. Quando aparecem manchas é sinal de que algo não está bem.

Mas Rosemari alerta que pode não ser um problema de saúde. "A iridologia trata da pessoa como um todo, não isola o corpo do restante." Portanto, uma mancha na íris pode significar estresse, depressão ou mesmo um desequilíbrio emocional. Também pode simbolizar uma doença cujos sintomas nem se manifestaram ainda. Por isso o estudo da íris é considerado preventivo. "Se o emocional não está bem, logo o corpo vai sofrer as conseqüências disso", declara Rosemari.

Para fortalecer o corpo e a mente, o tratamento inclui orientação alimentar e medicamentos naturais. Mais do que a cura de doenças, o que a iridologia quer proporcionar é a melhora da qualidade de vida.

### Reike - A Energia Universal ao alcance das mãos

Sintonizar, canalizar e transmitir a energia vital do universo através de um simples toque. Assim é o Reike, um tratamento que visa à harmonia entre corpo, mente e alma, trabalhando a energia de cada pessoa.

Assim como a iridologia, o Reike trata a pessoa como um todo. "Quando se está desequilibrado emocional ou espiritualmente, o sistema imunológico fica abalado", afirma Clarice da Rosa, que é terapeuta reikiana há mais de dez anos. Ela conta que já curou doenças fatais abandonadas pela medicina tradicional, como casos de câncer. Mas seu foco principal é a prevenção dos desequilíbrios energéticos que podem causar males.

Segundo Clarice, numa sessão de Reike, a pessoa recebe energia nos pontos dos chakras superiores cardíaco, frontal, na laringe e no alto da cabeça. Com as mãos em forma de concha, o terapeuta canaliza a energia e a transmite ao seu cliente durante 30 ou 40 minutos.

Para os adeptos do Reiki, era dessa forma que Cristo curava as pessoas. A técnica teria sido redescoberta por um monge japonês, Mikao Usui. Após 21 dias meditando em uma montanha, ele teria sido capaz de curar pessoas com um simples toque de mãos. Hoje a técnica está espalhada pelo mundo, mas Clarice lança um alerta: "Estão criando um processo circense em cima de uma técnica que é muito íntima e familiar".

Reiki, florais, aromaterapia, cromoterapia, acupuntura, johrei, urinoterapia. Os tratamentos alternativos estão em alta numa sociedade que busca todos os caminhos para manter a saúde. Clínicas e terapeutas se multiplicam, tornando a concorrência acirrada. Para chamar a atenção do cliente em meio a essa disputa vale tudo, inclusive transformar uma sessão de Reiki em um ritual de magia com roupas e objetos esotéricos, salas especialmente decoradas, gestos e palavras teatrais. "Nada disso tem significado", afirma Clarice, que atende a clientela em sua própria casa. Segundo ela o Reiki é um processo que varia de pessoa para pessoa e, para executá-lo, basta o entendimento entre ambas as partes e muita concentração. Também não existem curas milagrosas e imediatas para males do corpo ou do espírito, o tratamento pode levar semanas até apresentar o resultado desejado. "Mas ninguém sai de uma sessão de Reiki sem se sentir muito bem", finaliza.



## Alguns pontos da ACUPUNTURA

fotos: Ederson Nunes



Ponto da Mão – "Mestre do Coração 6" ou "Pericárdio 6". Trata a ansiedade, alivia a pressão torácica, combate náuseas pós-anestesia e quimioterapia.



Ponto Yintang – "Palácio da Clarividência". Trata a cefaléia, rinite e tem efeito calmante; Ponto Taiyang – Trata as doenças oculares, cefaléia, enxaqueca e combate a tontura.



Ponto do Pé – Trata problemas do fígado, ansiedade, irritabilidade, cefaléia, doenças otorrinolaringológicas e ginecológicas.



Marta e Lilian entrevistam Celso Rossi na Colina do Sol - Foto: Ederson Nunes